o
neto
perdido

.

..

...

....

Programas performativos para encontrar minha avó:

Experiência, Memória e Deriva

JOÃO VICTOR CONCER CORRÊA,
Lírio

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE , CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

MEDIAÇÃO CULTURAL - ARTES E LETRAS

O NETO PERDIDO

PROGRAMAS PERFORMATIVOS PARA ENCONTRAR MINHA AVÓ:
EXPERIÊNCIA, MEMÓRIA E DERIVA

JOÃO VICTOR CONCER CORRÊA

Foz do Iguaçu
2022

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE , CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

MEDIAÇÃO CULTURAL - ARTES E LETRAS

O NETO PERDIDO

PROGRAMAS PERFORMATIVOS PARA ENCONTRAR MINHA AVÓ:
EXPERIÊNCIA, MEMÓRIA E DERIVA.

JOÃO VICTOR CONCER CORRÊA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural - Artes e Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Angelene Lazzareti

Foz do Iguaçu
2022

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

JOÃO VICTOR CONCER CORRÊA

O NETO PERDIDO

PROGRAMAS PERFORMATIVOS PARA ENCONTRAR MINHA AVÓ:

EXPERIÊNCIA, MEMÓRIA E DERIVA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural - Artes e Letras.

BANCA EXAMINADORA

_____
Orientadora: Profa. Dra. Angelene Lazzareti
UNILA

_____
Profa. Dra. Cristiane Checchia
UNILA

_____
Prof. Dr. Fabio Guilherme Salvatti
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): João Victor Concer Corrêa

Curso: Mediação Cultural - Artes e Letras

	Tipo de Documento
(X) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(X) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: O NETO PERDIDO - PROGRAMAS PERFORMATIVOS PARA ENCONTRAR MINHA AVÓ: EXPERIÊNCIA, MEMÓRIA E DERIVA.

Nome do orientador(a): Profa. Dra. Angelene Lazzareti

Data da Defesa: 25/03/2022

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons* **Licença 3.0 Unported.**

Foz do Iguaçu, 25 de março de 2022.

_____

Assinatura do Responsável

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Para minha avó, para a sua avó, para as múltiplas possibilidades de avós.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

AGRADECIMENTOS

Agradeço à orientadora, professora e amiga Angelene, por já ter uma escuta para o que seria essa pesquisa desde 2020, por ter lecionado disciplinas de forma tão sensível que foram essenciais para ter a oportunidade de escolher os caminhos a seguir neste trabalho e principalmente por me orientar neste semestre com muita escuta e generosidade com o processo de criação. Bah!

À minha mãe, Marineide Concer e minha avó, Maria Neusa Teixeira Concer; mulheres noveleiras, que me criaram e sempre encontram formas de estar presentes.

À atriz, educadora, companheira de arte e vida, Sarah Correia, por me ouvir muito, sempre me incentivar em meus desejos e objetivos e me fazer rir.

À Juliana, Vênus e Bárbara por ouvirem meus desesperos e delícias durante o processo de realização e escrita do TCC.

À artista Cabocla João, por todo o acolhimento como minha veterana no curso, por levantar a possibilidade de um grupo de teatro, pelas trocas sobre o oeste paranaense, telenovelas brasileiras e sobre arte .

Às amigas, amigos e amigues da UNILA, Renan, Gio, Grazi, Lari, Laura, Diego, Carine, Sueli, Santi, Veroska, Lua, às professoras Cris, Diana, Maria Eta, Gabriela, Ester, Jorgelina e ao professor Fábio.

Ao meu professor e amigo Marcus Di Bello, todo o elenco do “Passeio Clandestino” e o “Embando Coletivo”, quando experimentei as derivas urbanas pela primeira vez.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: Quero é uma verdade inventada.

Clarice Lispector

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

CORRÊA, João Victor Concer. **O neto perdido - Programas performativos para encontrar minha avó:** Experiência, memória e deriva. 2022. 80 páginas. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Mediação Cultural - Artes e Letras) - Universidade Federal da Integração Latino-americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

Este trabalho é um memorial descritivo do processo de criação artística baseado em programas performativos para encontrar minha avó. A pesquisa possui como premissa uma relação intensa entre avó e neto, que é atravessada por assistir telenovelas e ir à igreja. Ao propor essa investigação de arte como pesquisa, a obra é o próprio "acontecimento" do processo, no qual a partir de um enunciado proponho buscas pela minha avó, que está a 1.071km de distância de mim e quase dois anos de pandemia em distância no tempo. O programa performativo que guia essa pesquisa é: "Pelo menos uma vez por dia. Pode durar horas, o dia inteiro, minutos, segundos. Buscar minha avó como quem quer e acredita que irá encontrar. Buscá-la nas mais diferentes materialidades e possibilidades de encontrá-la. Expandir o possível. Contrair a ausência". A partir desse programa, o trabalho possui um registro escrito e fotográfico de todos os vinte e oito dias de busca pela minha avó. Para integrar essa experimentação e apresentar os caminhos de partida e tomada de decisões trago reflexões que foram essenciais para a realização deste trabalho como as da performer Eleonora Fabião abordando performance, programas performativos e estado cênico; a arquiteta Paola Berenstein para refletir às derivas na cidade; Diana Taylor juntamente com as pesquisas de Angelene Lazzareti e Patrícia Leonardelli com reflexões sobre memória e performance, entre outras.

Palavras-chave: performance; programas performativos; memória; deriva; experiência.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

CORRÊA, João Victor Concer. **El nieto perdido - Programas performativos para encontrar a mi abuela:** Experiencia, memoria y deriva. 2022. 80 páginas. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Mediação Cultural - Artes e Letras) - Universidade Federal da Integração Latino-americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMEN

Este trabajo es un memorial descriptivo del proceso de creación artística basado en programas performativos para encontrar a mi abuela. La pesquisa tiene como premisa una relación fuerte entre abuela y nieto, que es atravesada por ver telenovelas e ir a la iglesia. Al proponer esta investigación de arte como pesquisa, la obra es el propio "acontecimiento" del proceso, en el que a partir de un enunciado propongo buscas por mi abuela que está a 1.071km lejos de mi y casi dos años de pandemia de distancia en el tiempo. El programa performativo que guía esta pesquisa es: "Por lo menos una vez por día. Puede durar horas, el día entero, minutos, segundos. Buscar a mi abuela como quien quiere y acredita que vas a encontrar. Buscar en las más distintas materialidades y posibilidades de encontrarla. Expandir lo posible. Contraer la ausencia". A partir de ese programa el trabajo posee un registro escrito y fotográfico de todos los veintiocho días de búsqueda por mi abuela. Para integrar esa experimentación y revelar los puntos de partida y la toma de decisiones, traigo reflexiones que fueron esenciales para la realización como las de la arquitecta Paola Berenstein Jacques para reflexionar sobre las derivas en la ciudad; La performer Eleonora Fabião abordando performance, programas performativos y estado escénico; Diana Taylor juntamente con las pesquisas de Angelene Lazzareti y Patrícia Leonardelli con reflexiones sobre memoria y performance; entre otras.

Palavras-chave: performance; programas performativos; memoria; deriva; experiencia.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

ABSTRACT

This paper is a descriptive memorial of the artistic creation process based on performance programs to find my grandmother. This research has as a premise the strong relationship between grandmother and grandson that is permeated by watching soap operas and going to church. By proposing this investigation of art as research, the work is the very “event” of the process, in which from a statement I propose searches for my grandmother, who is 1,071 km away from me and almost two years of pandemic in time distance. The performance program that guides this research is: Looking for my grandmother like someone who wants to find her and believes he is going to find her. To search for her in the most different materialities and possibilities. Expand as much as possible. To contract the absence”. This program has a written and photographic record of all the twenty-eight days of carrying out the search with my grandmother. To integrate this experimentation and to present the starting points and the decision-making paths, I bring reflections that were essential for the realization of this paper, such as those of the performer Eleonora Fabião approaching performance, performance programs and the scenic state; architect Paola Berenstein to reflect about city adrifts; Diana Taylor together with the research by Angelene Lazzareti and Patrícia Leonardelli about reflections on memory and performance, among others.

Key words: performance; performance programs; memory; drift; experience.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – LENTIDÃO: Um desenho espontâneo no diário de bordo 19
Figura 2 – CACHORRO-PARA-SELFIE: Cachorro no pneu do carro. 22
Figura 3 – CACHORRO-PARA-SELFIE: Placa “PARE”. 22
Figura 4 – CACHORRO-PARA-SELFIE: Eu e a taxista. 23
Figura 5 – CACHORRO-PARA-SELFIE: Igreja que me lembrou minha avó. 23
Figura 6 – VENTILADOR DESLIGADO: Sentado. 25
Figura 7 – VENTILADOR DESLIGADO: Deitado. 26
Figura 8 – VENTILADOR DESLIGADO: Pé no ventilador. 26
Figura 9 – VENTILADOR DESLIGADO: Escrita espontânea. 27
Figura 10 – VENTILADOR DESLIGADO: Escrita espontânea e desenho. 28
Figura 11 – Desenho após exercícios de práticas para percepções corporais 29
Figura 12 – 2 de dezembro: Mulher atravessando a rua. 34
Figura 13 – 2 de dezembro: Céu 35
Figura 14 – 2 de dezembro: Senhora no portão. 35
Figura 15 – 2 de dezembro: Uma possível avó com sua neta. 36
Figura 16 – 2 de dezembro: Uma possível avó e sua neta no meio da avenida. 36
Figura 17 – 2 de dezembro: Avenida. 37
Figura 18 – 2 de dezembro: Ônibus de viagem. 37
Figura 19 – 2 de dezembro: A possível avó e sua neta entrando no shopping. 38
Figura 20 – 2 de dezembro: Vitrine da livraria. 39
Figura 21 – 2 de dezembro: Vitrine da loja Havan 40
Figura 22 – 2 de dezembro: Corredor da loja Havan 40
Figura 23 – 2 de dezembro: Câmeras do shopping 41
Figura 24 – 2 de dezembro: Eu na fachada da farmácia (1). 41
Figura 25 – 2 de dezembro: Eu na fachada da farmácia (2). 42
Figura 26 – 5 de dezembro: Ambulância. 47
Figura 27 – 5 de dezembro: Meus pés, hidrante de recalque e um retrovisor. 48
Figura 28 – Imagem da árvore flamboyanzinho. 50
Figura 29 – 8 de dezembro: Folha da árvore Flamboyanzinho. 51

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 30 – 8 de dezembro: Flamboyanzinho na bicicleta (1). 51
Figura 31 – 8 de dezembro: Flamboyanzinho na bicicleta (2). 51
Figura 32 – 9 de dezembro: Folha da Flamboyanzinho no vaso (1). 52
Figura 33 – 9 de dezembro: Folha da Flamboyanzinho no vaso (2). 52
Figura 34 – 12 de dezembro: Print de whatsapp do grupo de amigos. 55
Figura 35 – 12 de dezembro: Foto da minha avó na igreja com meus amigos. 55
Figura 36 – 13 de dezembro: Eu esperando minha avó na frente da igreja (1). 56
Figura 37 – 13 de dezembro: Eu esperando minha avó na frente da igreja (2). 56
Figura 38 – 13 de dezembro: Eu esperando minha avó na frente da igreja (3). 57
Figura 39 – 14 de dezembro: De sombrinha esperando minha avó na igreja (1). 58
Figura 40 – 14 de dezembro: De sombrinha esperando minha avó na igreja (2). 58
Figura 41 – 14 de dezembro: Árvore Flamboyanzinho em frente a igreja. 59
Figura 42– Centro comercial de Foz do Iguaçu (1). 65
Figura 43 – Centro comercial de Foz do Iguaçu (2). 65
Figura 44 – Centro comercial de Foz do Iguaçu (3). 65
Figura 45 – 18 de dezembro: Placa: “Saque seu FGTS aqui, dinheiro hoje”. 66
Figura 46 – 18 de dezembro: Criança e o presépio do menino Jesus. 66
Figura 47 – 18 de dezembro: Mapa/mural das buscas (1). 68
Figura 48 – 18 de dezembro: Mapa/mural das buscas (2). 69
Figura 49 – 18 de dezembro: Mapa/mural das buscas (3). 69
Figura 50 – 18 de dezembro: Mapa/mural das buscas (4). 69
Figura 51 – Fogueira. 70
Figura 52 – 19 de dezembro:Fogueira, fumaça, céu e lua. 71
Figura 53 – 20 de dezembro: Morro e mar. 72
Figura 54 – 21 de dezembro: Beira-mar 73
Figura 55 – 22 de dezembro: Objetos encontrados. 75
Figura 56 – Eu no telefone público. 81
Figura 57 – Eu no telefone público, passa um ônibus. 81
Figura 58 – Eu no telefone público, passa uma moto. 81
Figura 59 – Rua de ratones, Florianópolis; 82
Figura 60 – 24 de dezembro:Telefone público e ponto de ônibus. 83
Figura 61 – 24 de dezembro: Eu no telefone público. 84

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 62 – 24 de dezembro: Rio. 85
Figura 63 – 24 de dezembro: Senhora que procurava uma capivara. 85
Figura 64 – 24 de dezembro: Fachada da escola. 86
Figura 65 – 24 de dezembro: Ruazinha de Ratones, Florianópolis. 86
Figura 66 – Imagem promocional da telenovela “Amor de Mãe” 86
Figura 67 – 24 de dezembro: Eu na rua de Ratones em Florianópolis. 87
Figura 68 – 25 de dezembro: Parreira. 88
Figura 69 – 26 de dezembro: Estrada e meu pé. 89
Figura 70 – 26 de dezembro: Estrada. 89
Figura 71 – 26 de dezembro: Colocando pinhas na estrada (1). 90
Figura 72 – 26 de dezembro: Carro passando ao lado das pinhas. 90
Figura 73 – 26 de dezembro: Colocando pinhas na estrada (2). 91
Figura 74 – 27 de dezembro: Eu parado no trânsito. 91
Figura 75 – 28 de dezembro: Cidade de Santos: Ônibus. 92
Figura 76 – 28 de dezembro: Cidade de Santos: Flamboyanzinho 93
Figura 77 – 28 de dezembro: Cidade de Santos: Rua da casa da minha avó. 93
Figura 78 – 28 de dezembro: Eu em frente ao portão da casa da minha avó. 94
Figura 79 – 28 de dezembro: Vizinha da minha avó me observando. 94
Figura 80 – 28 de dezembro: Minha avó e a irmã dela. 95
Figura 81 – 28 de dezembro: Abraço com minha avó. 96
Figura 82 – Pinhas de natal 97
Figura 83 – Eu e minha avó assistindo novela. 98

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14

1.1 ENCONTRAR E PREPARAR UMA PESQUISA: ENCONTRAR-ME E PREPARAR-ME. 18

1.1.1 Programa nº1: lentidão 19

1.1.2 Programa nº2: cachorro-para-selfie 21

1.1.3 Programa nº3: ventilador desligado. 25

1.1.4 Programa nº4: se protegendo da chuva antes dela vir 29

2 O NETO PERDIDO 30

2.1 BUSCAR MINHA AVÓ 33

2.1.1 Derivas e caminhadas: Errar para buscar. 43

2.1.2 Corpo e estado cênico: uma experiência entre 59

2.1.3 Performance e Memória: Repertórios. 76

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS 97

REFERÊNCIAS 100

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

1 INTRODUÇÃO

Fui criado pela minha avó e minha mãe, com auxílio de uma tia e de dois tios. Por vezes havia também a presença um pouco mais incerta do meu pai, que faleceu quando eu tinha 12 anos. Sou nascido e criado em Santos. Fui mórmom por 16 anos. Todos da minha família materna são batizados na igreja Mórmon, mas ao longo desses 16 anos era somente a presença da minha avó como figura marcada todos os domingos me levando para a igreja. Na realidade era uma troca, uma via de mão dupla; minha avó me levava para a igreja e eu a levava. Minha mãe apesar de batizada não frequentava mais a igreja quando eu nasci, justamente por conta do meu nascimento, ela não foi bem vinda à igreja tendo engravidado fora do casamento.

Na igreja eu fazia peças de teatro. O que eu mais recordo daquele espaço era a liberdade criativa e impulsiva que eu não sentia em espaços educacionais, como as escolas em que estudei. Junto com vários amigos fizemos dezenas de peças teatrais, dali fui impulsionado a realizar cursos e oficinas de teatro, a partir dos 5 anos de idade. Na pré adolescência me afastei do fazer teatral fora da igreja por receio dos julgamentos que eu recebia de família e amigos a respeito de ser artista, principalmente por duvidarem da minha suposta “heterosexualidade”. Fiquei anos fazendo teatro apenas na igreja, pois lá eu tinha a garantia de que minha sexualidade não seria questionada e não seria a temática dos debates. Aos 15 anos de idade retornei a fazer teatro em cursos fora da igreja. Aos 16 anos entrei na montagem de “Querô - Uma Reportagem Maldita” texto do dramaturgo santista Plínio Marcos. Fui convidado por uma amiga, mãezona, líder da igreja (Líder da organização das moças, pois as lideranças sabiam que eu não obedecia os líderes da organização dos rapazes) a realizar uma escolha entre permanecer realizando “peças” que me afastavam da “presença do senhor” ou reinventar o fazer teatral a partir de outras peças que me aproximassem do “evangelho de Jesus Cristo”. Foi um dia triste, mas escolhi me afastar da “presença do senhor”. Sempre tive receio da ruptura com a igreja abalar, mesmo que minimamente, minha ótima relação com minha avó e para minha surpresa isso não ocorreu.

Minha avó sempre foi uma das maiores apoiadoras do meu fazer artístico. Junto com ela listo outras tantas mulheres: Minha mãe, que tem muito orgulho de um filho artista; minha

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

tia, que deseja que eu tenha outra profissão, que não vê futuro quanto artista, que critica a classe artística, mas que sempre esteve em todas as minhas apresentações e eu sinto genuinidade nesse estar presente; minha companheira de arte e vida Sarah, quem eu conheci nessas oficinas quando tinha 15 anos e seguimos juntos das mais diversas formas; minha amiga Juliana que conheço desde que nasci lá dentro da igreja, e hoje nos apoiamos mutuamente aqui do lado de fora; Vênus Castanho, essa amiga que é um exemplo de artista, mesmo que ela fuja de reconhecer a artista que é; entre tantas outras mulheres.

Com 20 anos eu estava fazendo um espetáculo de Brecht e cansei. Achava que eu não era mais ator, que nunca tinha sido um ator. Achei que a frase célebre da atriz Fernanda Montenegro tinha chegado pra mim, em uma entrevista a atriz disse: *Eu geralmente, quando me perguntam o que é que você diria para um ator que está começando, eu sempre digo: desista! Não passe perto! Saia disso! (…)Não ocupe espaço se depois vai ser bancário, vai ser doutor, vai ser diplomata, vai ser gari, enfim… Agora, se morrer porque não está fazendo isso, se adoecer, se ficar em tal desassossego que não tem nem como dormir, aí volte, aí venha aqui, mas se não passar por esse distanciamento e pela necessidade dessas tábuas aqui, não é do ramo! Não é do ramo!*. Eu estava sentindo esse “adoecimento” e esse “desassossego” não com a ausência do teatro, mas justamente ali no teatro, montando uma peça eu estava infeliz. Meu corpo estava cansado, eu não queria dormir preso em técnicas e textos de um espetáculo que estava ficando "belíssimo", mas que não me oferecia combustível para a execução, faltava processo, era tudo compreendido demais, faltava incompreensão, faltavam questões. Eu não sou um ator.

Com 21 anos eu estava abandonando a escola e o grupo de teatro Tescom do qual fiz parte por mais de 5 anos, o lugar em que me formei como artista e me engajei como educador, dessa vez sim, um espaço educacional no qual pela primeira vez encontrei liberdade e potencialidade criativa. Eu não me via mais como ator e desejava partir da área. Em um processo de montagem para uma futura pesquisa fui convidado pelo ator, educador e um grande amigo, Marcus Di Bello, e então resolvi dar uma chance. Iniciava ali o processo que me permitiu saber que sou, sim, ator. A partir de pesquisas com Augusto Boal, e de derivas performáticas pela cidade de Santos, montamos o espetáculo “Passeio Clandestino", realizado nas ruas do bairro do Macuco, bairro em que fui criado

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

pela minha avó e minha mãe durante a infância e adolescência. O processo desse espetáculo me permitiu ampliar diversos conceitos e possibilidades do “Estar em cena”.

Durante esse período turbulento da minha adolescência (saída da igreja e ser ou não ser ator), minha avó esteve ao meu lado. Reinventando o “ser avó” todos os dias. Moramos só nós dois na casa dela quando eu tinha 19, 20 e 21 anos. Minha avó é uma avó excelente, mas antes de ser avó ela foi mãe e antes de ser mãe ela é ela. Maria Neusa Teixeira Concer, quem é essa mulher? O que ela é por ela mesma? Uma mulher que vai à igreja todos os domingos, mas que assiste telenovelas que não são indicadas pelo líder da igreja. Essa mulher que saiu do sertão do Ceará e se casou com um catarinense no estado do Paraná. Teve filhos e construiu uma vida no estado de São Paulo. Hoje, tem 72 anos de idade, reclama que gostaria de ter aprendido a dirigir e de ter terminado a escola. Se frustra por não “saber ler e escrever direito”, conta centenas e centenas de histórias a partir de suas memórias. É sábia e teimosa. Sonhadora e apaixonada. Por muitas vezes suas sabedorias e lembranças são deslegitimadas até mesmo por familiares. Atualmente reclama dos últimos dois anos de pandemia, reclama de como o governo reagiu à pandemia e dos discursos absurdos do presidente do país. Sente falta de viajar, falta das irmãs, das suas aulas de alongamento, dança e hidroginástica, que cursava nos programas da prefeitura antes da pandemia. Acompanha muito às novelas, se sensibiliza por elas e me influenciou a ser, também, um noveleiro ao longo desses anos.

Nesta pesquisa, pretendo resgatar os pontos de encontro entre minha avó e eu, ao longo de nossa relação, que mediada pela igreja e pelas telenovelas, transformou-se em uma relação de trocas muito significativas para minha formação como sujeito. Atualmente, estamos separados por quase dois anos, muito longe um do outro. Penso em uma pesquisa que trabalhe com essa ausência, que lide com a espera de um reencontro, ou de reencontros possíveis e impossíveis. Penso em uma pesquisa artística que dê conta, pela arte, como estética e política das relações, de traçar uma trajetória de busca por essa relação “perdida”, perdida no tempo, nas memórias e na perda de memórias que o tempo traz.

Pretendo utilizar *Programas Performativos* como disparadores preparatórios para criação artística e acontecimento. Compreendo programa performativo como uma proposta de

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

execução de ações com objetivos e elaborações bem definidos, para experimentar e experienciar o imprevisível dessas mesmas ações, ao invés de autocriar. Penso que os programas performativos, ao trabalharem com a experimentação imprevisível, também me expõem ao risco, e esse risco do não-saber tem toda relação com o tema deste trabalho, que trata da minha avó e da memória. Os programas performativos darão conta, mais que o texto dramático ou a literatura, de lidar com essa ausência pela distância como um acontecimento em si.

Este trabalho inicia-se com o capítulo “Encontrar e preparar uma pesquisa: Encontrar-me e preparar-me” capítulo de preparação corporal do performer (eu) e de alinhamento do desejo da pesquisa com as possibilidades de investigações a partir da arte como pesquisa, nele serão apresentados 4 programas performativos e seus acontecimentos e reflexões. No segundo capítulo intitulado “O neto perdido” apresento o programa performativo base da pesquisa, é a partir dele e seus desdobramentos que o corpo, a cidade, a experiência e a memória tornam-se reflexões corporificadas neste trabalho. Nesse programa, que dura vinte e oito dias, proponho um enunciado para encontrar minha avó. A organização do capítulo está seguindo a ordem cronológica de busca, dia após dia. Com a intervenção de reflexões e conexões teóricas em três subcapítulos: 2.1.1 Derivas, caminhadas e errar para buscar, 2.1.2 Corpo e estado cênico: uma experiência entre, 2.1.3 Performance e Memória: Repertório, que juntos compõem o processo dessa pesquisa. Como capítulo final temos o número três “Vó encontrada” em que relato o pós-programa a partir de trocas de conversas com a minha avó apresentando para ela a existência de toda essa pesquisa.

atenção

Durante todo o percurso de leitura, a leitora é convidada a realizar programas performativos, indicados pelo uso dessa fonte.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

1.1 Encontrar e preparar uma pesquisa: Encontrar-me e preparar-me.

Tire os sapatos.

Pise no chão.

Sinta a temperatura do chão.

Agora coloque-os de volta.

Sinta a temperatura da sua maior saudade.

Escolho começar esse trabalho com a pesquisa sobre a noção e a realização de *programas performativos***,** nomenclatura criada pela artista Eleonora Fabião, que os define como *"*um tipo de ação metodicamente calculada, conceitualmente polida, que em geral exige extrema tenacidade para ser levada a cabo, e que se aproxima do improvisacional exclusivamente na medida em que não seja previamente ensaiada*".* (FABIÃO, 2008, pg. 237). Eleonora Fabião, professora e doutora em performance, é performer e ao mesmo tempo uma importante teórica de performance que realiza performances e publica sobre/com elas pelo Brasil, Américas e Europa. Nas palavras da artista, os programas performativos fazem parte de um procedimento metodológico para a desconstrução de representações, o que nos mostra o distanciamento da performance com o que se compreende como teatro dramático. Se no teatro dramático busca-se, das mais variadas formas, a representação; na performance isso se desconstrói na medida em que há muito para APRESENTAR pelo viés artístico, não sendo a REpresentação a única via de escolha. Começo o meu trabalho com os programas performativos como um procedimento para a desconstrução desse vício representativo que exclui, por vezes, os diálogos, a escuta, as dramaturgias não textuais, e, principalmente, o corpo do ator/performer.

A partir de pesquisas de programas performativos monto 4 programas performativos para trabalhar a preparação e ativação do meu corpo como performer nessa parte inicial da pesquisa. Junto com os 4 programas, também pratico um exercício guiado por áudio da disciplina de performance que cursei com a professora Angelene Lazzareti no ensino

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

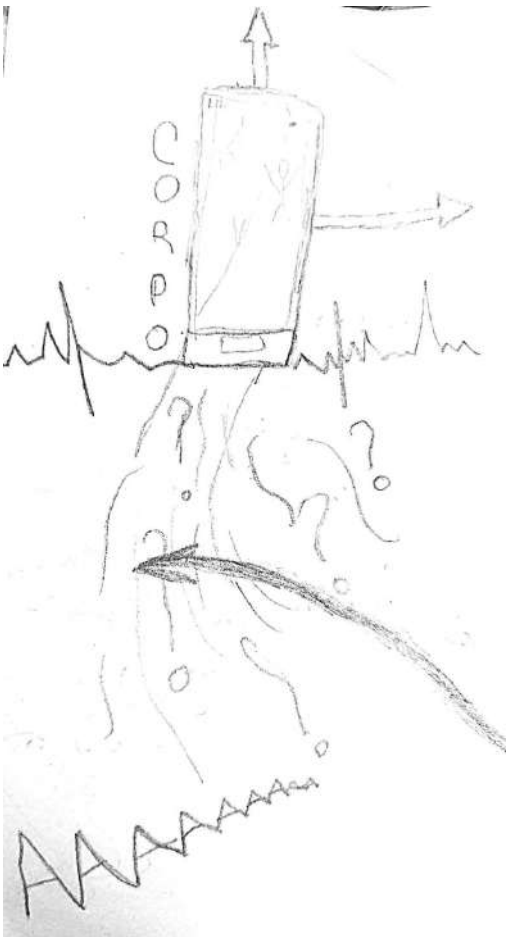
remoto do semestre 2020.1, exercício que trabalha com práticas para percepções corporais a partir da escuta e fortalecimento das correntes de movimento. E, ainda, vi a necessidade de realizar constantemente exercícios de aquecimento corporal e de fortalecimento muscular como uma preparação física para a realização dos 4 programas.[1] Nem todos os 4 programas foram realizados.

Os 4 programas são: (1) Lentidão, (2) Cachorro-Para-Selfie, (3) Ventilador Desligado, (4) Se protegendo da chuva antes dela vir.

1.1.1 PROGRAMA Nº1: LENTIDÃO

Enunciado do programa: Realizar as atividades já programadas da rotina bem lentamente.

Releia o enunciado do programa lentamente



Fazer programas performativos é também um convite para o desligamento ativo. Desligamento de uma sociedade ansiosa, sociedade do excesso de positividade e do cansaço como define o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Há poucos momentos em que podemos desligar alguns de nossos aparelhos eletrônicos, outros nunca são desligados, apenas bloqueados ou descansam em sleep mode. E essa ausência de desligamento se estende aos nossos corpos, fazendo com que aceitemos uma carga horária de rotina imensa. Penso que os programas contribuem para essa rara possibilidade de desligar, praticando ações; por isso chamei de desligamento ativo.

Figura 1- LENTIDÃO: Um desenho espontâneo no diário de bordo

[1]Ao realizar os programas performativos listados acima fui aos poucos experimentando novas necessidades de preparação, incluindo e retirando passos conforme a necessidade e também construindo novas percepções das performances diárias que fazem parte de nossas rotinas.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

> “(...)O Ato performativo arranca a rotina das situações, dos lugares e das coisas tornando-nos delirantemente lúcidos e lucidamente delirantes.”
> (FABIÃO, 2015, p. 104)

Celular

A dificuldade do desprendimento do celular durante os programas foi algo que chamou a atenção como um corpo que se estende do físico ao virtual. No caso desse programa, o ato de pegar o celular em cima da mesa é mais fácil de fazer em lentidão, mas e digitar uma mensagem? Rolar o feed das redes sociais? Checar emails? Como realizar esses procedimentos em lentidão? Senti dificuldade em acompanhar os rastros da digitação e da navegação virtual.

Fora de casa

Outra percepção foi a diferença de quando o programa é realizado dentro de casa e fora de casa. Tive muita facilidade de esquecer o que o programa propunha dentro de casa, afinal, apesar de estar lento, eu devo seguir nas atividades diárias e não paralisar. Porém, quando se transferiu para o ambiente externo, esse programa atingiu uma estética poética para mim. Essa poesia em realizar os programas no espaço urbano também foi observada no programa (2).

> Ao explorar o atravessar de portas, as passagens casa-rua, os entrecruzamentos dentro-fora, a Linha tece circulações público-privado e pessoal-social. O trabalho dinamiza misturas eu-outro-nós, espaço interno-espaço externo, estranho-familiar, desconhecido-íntimo, cidadão-cidade e enfatiza a importância desse movimento para a criação do corpo performativo. (FABIÃO, 2015, p. 108)

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

1.1.2 PROGRAMA Nº2: CACHORRO-PARA-SELFIE

Enunciado do programa: De óculos escuro seguir um caminho trilhado pela minha cachorra. Sempre que ela parar, tirar uma selfie.

```
pare agora.

ande alguns passos

e com ou sem um celular

tire uma selfie

Só depois, volte a ler.
```

Expectativas

Eu tinha expectativas pré concebidas ao realizar esse programa. Como estou realizando esses programas como forma de preparação como performer, criei ele com uma série de expectativas pré concebidas que não só não foram atendidas, como, durante a realização, as expectativas não pareciam mais importantes. A primeira vez que realizei, queria saber se minha cachorra saberia voltar para casa depois de um determinado tempo me levando para qualquer direção. Minha atenção saiu dessa expectativa a partir do momento em que percebi que minha cachorra criava uma espécie de dança no espaço, visto que muitos dos caminhos nos quais eu era guiado consistiam em voltas em círculos ou criavam algum tipo de zig zag urbano e isso tornou-se muito mais interessante do que saber onde iríamos parar. Desprendido das minhas expectativas em encontrar respostas prontas, estava mais ativo e presente na minha relação com a rua.

Observo que há também uma estética política e poética na relação performer x outro que observa, ou outro que ignora. A observação e percepção de outra pessoa ou a ignorância dela em relação às ações, contribuem para essa estética poética (e política) de realizar ações performáticas no espaço urbano. Uma pergunta que me surgiu durante esses programas performativos externos foi: Quem está performando? Eu? O segurança do hotel? Ou a senhora na rua com mais sacolas do mercado do que poderia carregar?

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Acontecimentos:

- Um funcionário do hotel me encarou com a mangueira na mão. Enquanto ele me percebia ali, ele não percebia que a mangueira aberta estava molhando a entrada do hotel, mas eu, de longe, percebia tudo com meus óculos escuros.

- Os locais que mais parávamos eram pneus de carros.

- Minha cachorra, estranhamente, parava em muitas placas de PARE.

- Uma taxista me encarava com estranhamento. Acredito que olhava para os meus óculos escuros e o meu braço que estava imobilizado com gesso por conta de um acidente que tive.

“O ato performativo trata justamente de suspender hábitos de conduta e modos usuais de percepção, relação e cognição para criar um estado-estranho-de-coisas; ou melhor, para revelar o estranho-de-todas-as-coisas(...)”. (FABIÃO, 2015, p. 104)

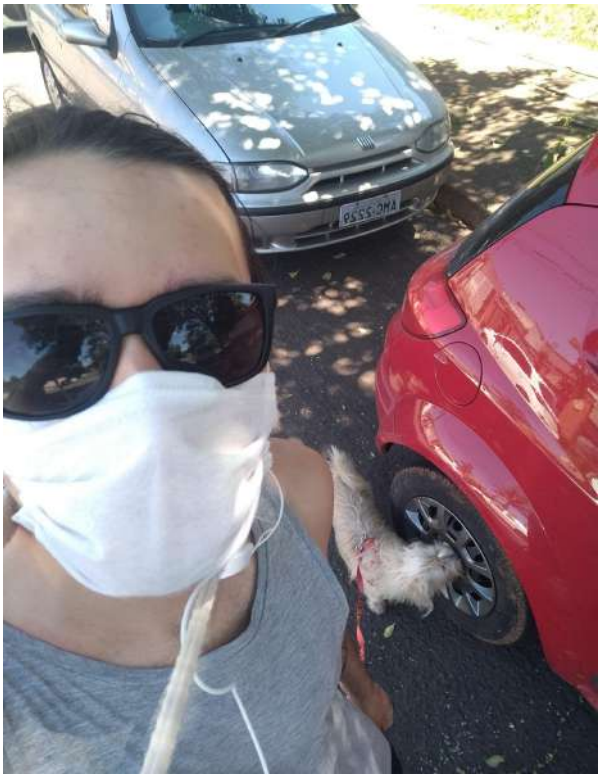


Figura 2 - CACHORRO-PARA-SELFIE: Cachorro no pneu do carro.

Figura 3 – CACHORRO-PARA-SELFIE: Placa “PARE”.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

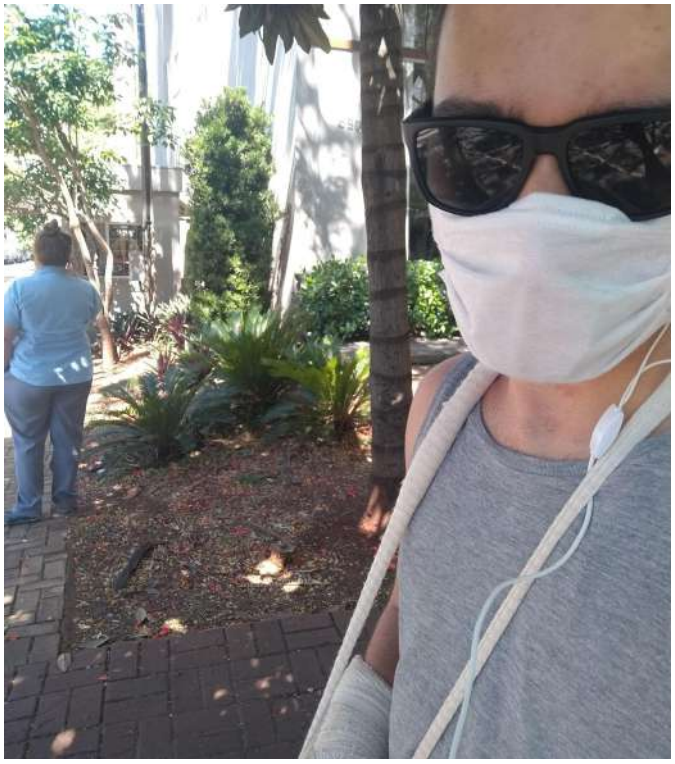


Figura 4 – CACHORRO-PARA-SELFIE: Eu e a taxista.

- Paramos em frente a uma igreja e lembrei da minha vó.

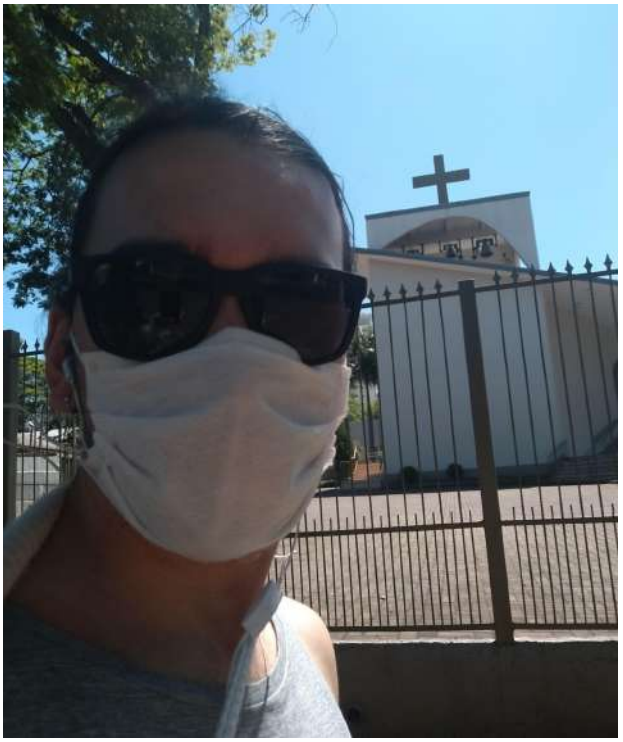


Figura 5 – CACHORRO-PARA-SELFIE: Igreja que me lembrou minha avó.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Maria Neusa Teixeira Concer, uma *mulher apaixonada*, que busca *viver a vida em família* e *por amor*. Junto com ela, vi e revi diversas telenovelas desde pequeno. Minha avó, por vezes, mãe, por vezes, pai, por vezes, amiga, sempre vó. Eu cresci com minha avó cuidando de mim tal qual minha mãe cuidava. Minha relação com minha avó tinha um pano de fundo nas noites dos dias semanais, eram as teledramaturgias de “Helenas”, mulheres ricas sofrendo na calçada do Leblon por algum “Miguel” da vida, ou então histórias do oriente médio com um mix de culturas romantizadas. Eram as telenovelas que para muitos compõe o gosto brasileiro, que compôs minha infância com a minha avó.

Como ela me levava desde neném para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, popularmente conhecida pela sigla SUD ou pelo termo Mórmon, a igreja durante a infância era um espaço de encontro externo de casa entre eu e minha vó, enquanto as novelas era um motivo de encontro dentro de casa entre eu e ela. Com o passar dos anos, a igreja como esse espaço de encontro e as telenovelas como este motivo de encontro começaram a se tornar cada vez mais fortes, eram nossos assuntos em comum, e nossos elos de ligação, mesmo que estivéssemos com a relação conturbada, haveria sempre um espaço para perguntar: “O que aconteceu no capítulo de ontem, vó?”

Com a adolescência, havia um conflito visível por mim e invisível para minha avó: assistir telenovelas (mundo) x Frequentar a igreja (espiritual). Para minha vó essa questão não era uma contradição e um impasse, se completava, independente do que dissessem nos discursos dominicais da igreja. Uma vez, o presidente da igreja fez um discurso indignado com a repercussão do último capítulo da telenovela Avenida Brasil da Rede Globo de Televisão. Aquele discurso me afetou, pois eu e minha vó tínhamos assistido juntos a reprise do último capítulo na noite anterior, porém minha avó nem se incomodou. Achei que minha vó era blindada do desconforto, que havia uma proteção nela, ali. Hoje eu não acho mais, eu tenho certeza desse poder dela.

Há como ser mais performática essa memória que carrego comigo?

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

1.1.3 PROGRAMA Nº3: VENTILADOR DESLIGADO.

Enunciado: Em uma tarde bem quente ficar em frente ao ventilador com ele desligado, é permitido deitar, mudar de posição, escrever anotações em um papel, mas deve ficar sempre próximo do ventilador e não ligar por uma hora.

Escolha um aparelho elétrico/eletrônico próximo a você
e desligue-o.
O observe por uma hora.

...

Conte um segredo seu a ele.
Escute um segredo do aparelho e guarde consigo.

Figura 6 – VENTILADOR DESLIGADO: Sentado

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 7 – VENTILADOR DESLIGADO: deitado

Esse programa me fez pensar sobre a resistência. Desligar um ventilador e ainda assim permanecer perto dele, em um calor intenso e em um planeta em aquecimento global. Durante o programa me senti vulnerável, e funcionou como um expurgo de pretensões e cheiros.

Figura 8 – VENTILADOR DESLIGADO: Pé no ventilador.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

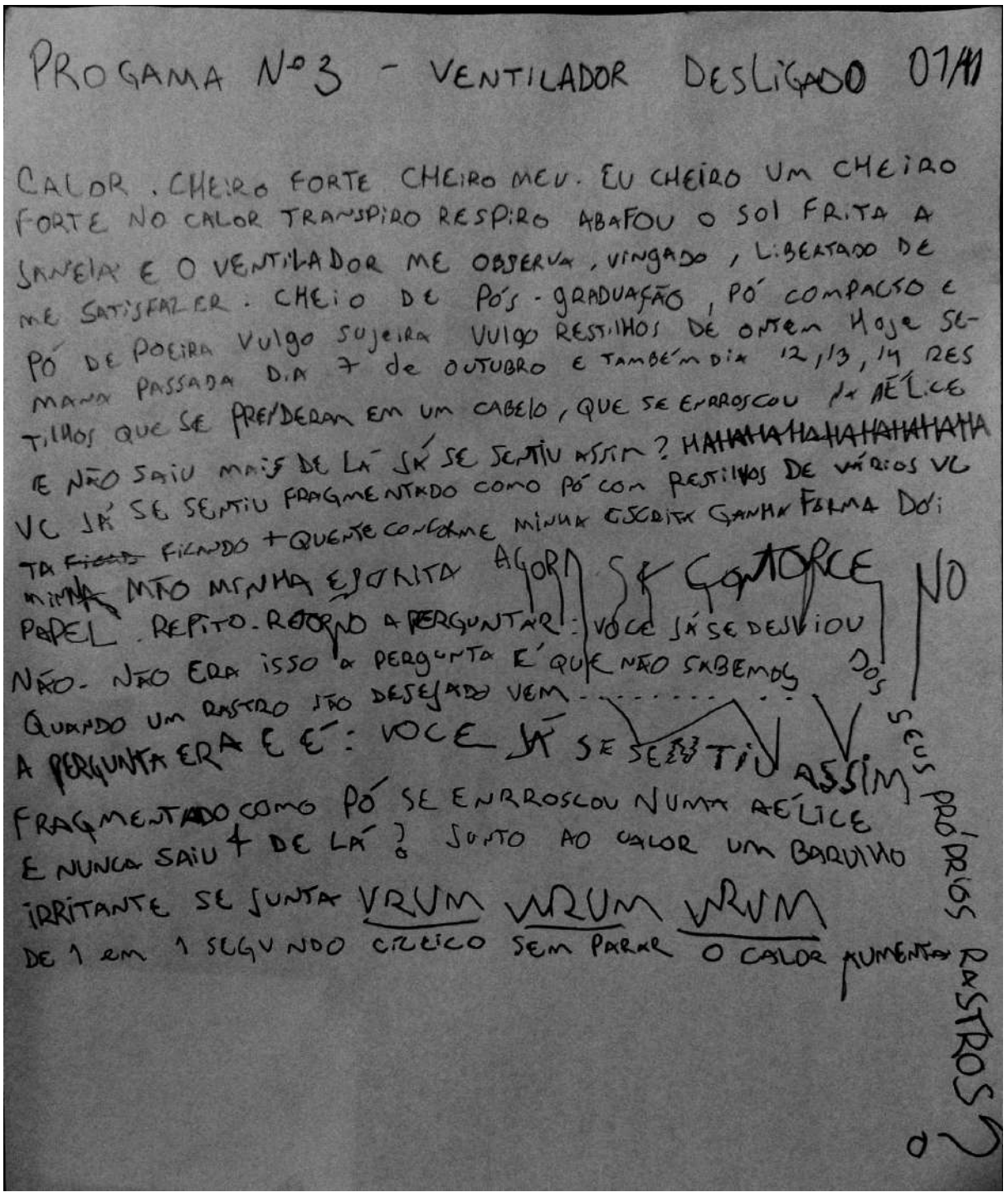


Figura 9 – VENTILADOR DESLIGADO: Escrita espontânea.[2]

[2] Transcrição de um trecho: *Calor. Cheiro forte. Cheiro meu. Eu cheiro forte no calor transpiro respiro abafou o sol frita a janela e o ventilador me observa, vingado, libertado de me satisfazer. Cheio de pós graduação, pó compacto, pó de poeira, vulgo sujeira vulgo restinhos, de ontem, hoje, semana passada, dia 7 de outubro e também 12, 13, 14, restinhos que se perderam em um cabelo que se enroscou na hélice e não saiu mais de lá. Já se sentiu assim? hahahahahahahahahaha você já se sentiu fragmentado como pó com restinhos de vários você (...)*

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

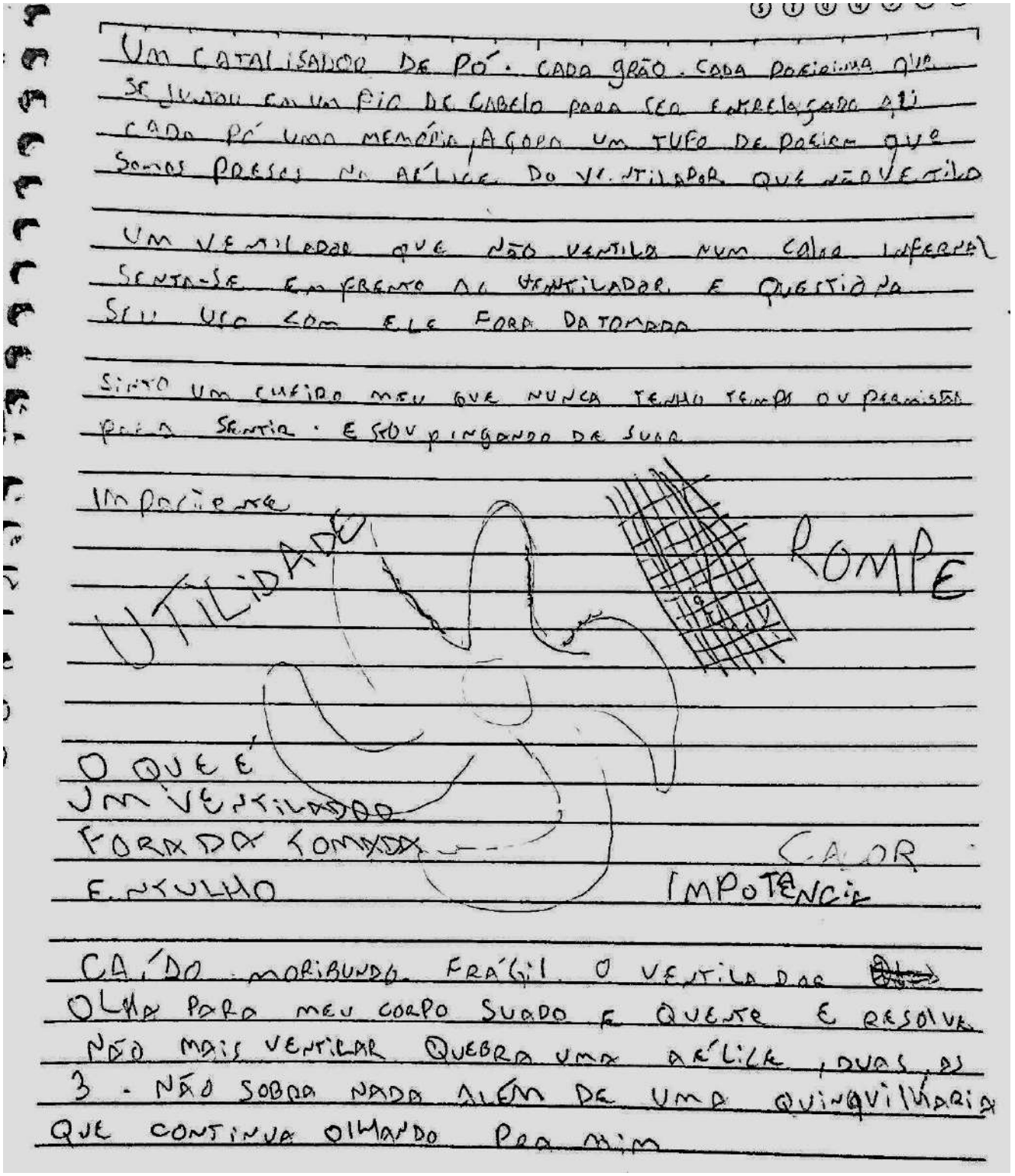


Figura 10 – VENTILADOR DESLIGADO: Escrita espontânea e desenho. [3]

[3] Transcrição do texto: Um catalisador de pó. Cada grão, cada poeirinha que se juntou. Cada fio de cabelo para ser entrelaçado ali. Cada pó, uma memória. Agora um tufo de poeira que somos presos na hélice do ventilador que não ventila. Um ventilador que não ventila em um calor infernal. senta-se em frente ao ventilador e questiona seu uso com ele fora da tomada. Sinto um cheiro meu que nunca tenho tempo ou permissão para sentir. Estou pingando de suor. impaciente. UTILIDADE. ROMPE. O que é um ventilador fora da tomada. entulho. impotência. calor. Caído moribundo o ventilador olha para meu corpo suado e quente e resolve não mais ventilar. Quebra uma hélice, 2, as 3. Não sobra nada além de uma quinquilharia que continua olhando pra mim.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

1.1.4 PROGRAMA Nº4 SE PROTEGENDO DA CHUVA ANTES DELA VIR

Enunciado do programa: Em um momento que não estiver chovendo, ir até um local da cidade com certo movimento e de guarda-chuva aberto esperar a chuva até ela vir.

Esse programa não foi realizado.

Na imagem abaixo há uma amostra de escrita após a realização de exercícios de práticas para percepções corporais a partir da escuta e fortalecimento das correntes de movimento e exercícios de fortalecimento muscular.

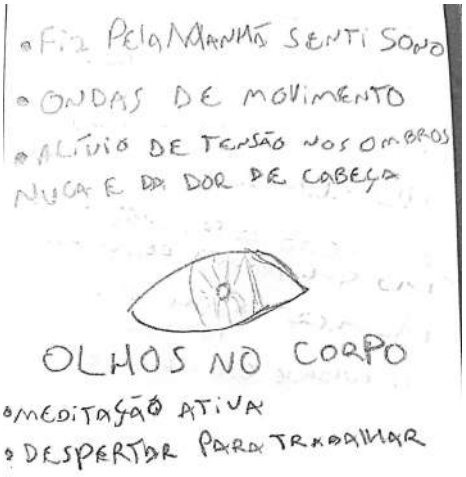


Figura 11 – Desenho após exercícios de práticas para percepções corporais.[4]

Música

As músicas pré-selecionadas são um grande apoio para a realização dos 4 programas performativos e também dos exercícios de fortalecimento das correntes de movimento, aquecimentos e exercícios de fortalecimento muscular. A música no programa número (2) contribuiu para minha concentração no exercício e para a construção de algumas narrativas visuais enquanto observava meu cachorro e ouvia o ritmo das músicas. Já no próximo programa (3), a ausência de música estendeu a dificuldade de aguardar no calor por uma hora, acredito que a música poderia me afastar da ação proposta nesse caso, ao invés de me ajudar.

[4] Os exercícios de prática para percepções corporais foram a partir de exercícios realizados na disciplina de Performance ministrada pela orientadora deste trabalho Angelene Lazzareti e também foram experimentados por mim ao longo da minha participação no projeto de pesquisa poéticas do ENTRE. Rede Social do projeto: instagram.com/poeticasdoentre

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

2. O NETO PERDIDO

Eu não vejo minha avó desde 13 de janeiro de 2020 quando fui embora de Santos, SP. Após algumas semanas da minha partida, chegaram no Brasil os primeiros casos do novo coronavírus (Covid-19). Desde que nasci eu não passava nenhum mês sem minha vó, na realidade era raro passar dias sem vê-la. Meu maior tempo sem ver minha vó foi de no máximo 5 meses quando vim morar em Foz do Iguaçu em 2018. Agora, estou a ponto de completar 2 anos sem seu abraço, sem sua presença.

Busque-a

Nessa altura da pesquisa resolvi encarar de frente um novo programa performativo. Ou uma série de programas com um denominador comum: **Buscar minha vó.**

Por que performance? Por que minha vó? Por que a TV? Por que programas? Por que esses elementos juntos? Eleonora Fabião entende o termo “programa” como “Motor da Experimentação” a partir das considerações de Gilles Deleuze e Félix Guattari no texto “28 de novembro de 1947– como criar para si um Corpo sem Órgãos”

> Programa é motor de experimentação porque a prática do programa cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. O Programa é motor de experimentação psicofísica e política. Ou, para citar palavra cara ao projeto político e teórico de Hanna Arendt, programas são iniciativas. (FABIÃO, 2013)

Inicio dessa forma, experimentando. Pois neste trabalho, o começo, meio e fim, serão práticas de experimentAÇÕES. Cecília Almeida Salles na apresentação do livro “Linha de horizonte - Por uma poética do ato criador” de Edith Derdyk diz que:

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

> Ao tomar a criação artística como processo, cola-se seu produto no fluxo da continuidade (...) a obra como resultado de uma sequência de gestos que contém o trabalho do artista; um gesto dependendo do outro em uma cadeia complexa em permanente ação no tempo. (DERDYK, 2001, p.7)

O programa performativo é como o enunciado que mapeia as possibilidades da performance, veja:

PEÇA DE VOZ PARA SOPRANO

Grite.

1. contra o vento

2. contra a parede

3. contra o céu

ONO, 2008

AÇÃO CARIOCA #3: LINHA

Com pasta de limpeza e escovão, polir uma longa linha reta no calçamento.

FABIÃO, 2015

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

O primeiro enunciado é um exemplo de enunciado para performance. Um exemplo de programa performativo; mesmo que a autora, Yoko Ono, os chame de instruções, percebemos a mesma característica das definições de um programa performativo: A ação metodicamente calculada. O segundo é um programa elaborado e executado pela própria Eleonora Fabião e que está registrado em seu livro “Ações” (2015).

Me sinto contemplado nessa busca por motivação ao ler o enunciado do programa performativo de Felipe Bittencourt em seu livro “Performance Diária” (2012):

“Com uma caneta preta o performer deve preencher toda uma parede com frases que sempre começam com ‘performance para…’”

Performance para…

Performance para lembrar.

Performance para descobrir.

Performance para me contradizer.

Performance para não dramatizar.

Performance para dramatizar.

Performance para matar a saudade.

Performance para viver a saudade.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

2.1 - BUSCAR MINHA AVÓ

Enunciado: Pelo menos uma vez por dia. Pode durar horas, o dia inteiro, minutos, segundos. Buscar minha avó como quem quer e acredita que irá encontrar. Buscá-la nas mais diferentes materialidades e possibilidades de encontrá-la. Expandir o possível. Contrair a ausência.

1 de dezembro - A Angústia

Hoje foi o primeiro dia de realização desse programa. Tive a ideia dele durante um dos programas preparatórios anteriores, e tomei a decisão de realizá-lo após a orientação de TCC dessa noite. Procurei minha avó por poucos minutos no retorno para minha casa, parece que estava pedindo licença para os espaços para iniciar essa jornada incerta de busca.

Acontecimentos:

- Me pareceu angustiante entrar nessa busca, sendo que estamos separados por 1.071 km. Procurei, mas não a encontrei.

pense em coisas longe de você

bem longe

O que de longe você buscaria no entorno de sua casa?

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

2 de dezembro - Onde estará o meu amor? Procurando minha avó com Bethânia.

Hoje é o segundo dia de busca e decidi colocar o álbum Imitação da Vida de Maria Bethânia para ir em busca de minha avó pela rua. A escolha do álbum se deu pela carga dramática e de vida que carrega em suas letras, poemas e melodias presentes no álbum. A voz de Bethânia também me lembra das trilhas sonoras das novelas que eu via ao lado de minha avó.

Acontecimentos:

- Começo andando pelas ruas e me colocando à disposição dos possíveis acontecimentos.

- Estou em cena como um artista? ou Estou vivendo como os outros transeuntes? ou melhor, estou em cena como os outros transeuntes, enquanto vivo?

Figura 12 – 2 de dezembro: Mulher atravessando a rua.

- Andei livremente em busca da minha avó. Deitei em alguns espaços “públicos” que normalmente ninguém para como em algumas praças da cidade.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 13 – 2 de dezembro: Céu.

- Observei o céu de outro ângulo menos comum. Reparei nas aves e nos tetos das casas e estabelecimentos, também reparei em ser observado por transeuntes na rua, algumas vezes.

- Os portões das casas me lembraram quando eu chegava em casa da escola e gritava “vovó” de uma maneira muito particular. Percebi que esse momento se foi e não tem retorno. Percebi que essa avó e esse neto não se reencontrarão mais, ou sempre se (re)encontrarão, dentro de nós. O tempo passa depressa e ele nos deixa memórias.

Figura 14 – 2 de dezembro: Senhora no portão.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Vi uma possível avó com sua neta e resolvi seguí-las.

Figura 15 – 2 de dezembro: Uma possível avó com sua neta

- No meio de uma avenida movimentada percebi que além da possível avó com sua neta a minha avó poderia estar em cada uma das janelas daqueles carros. Cada janelinha representava uma possibilidade distinta de encontrar minha avó.

Figura 16 – 2 de dezembro: Uma possível avó e sua neta no meio da avenida.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 17 – 2 de dezembro: Avenida.

- Me perdi da possível avó e sua neta.

> O perder-se muitas vezes também está associado a um rito de passagem, a uma iniciação - como a provação do labirinto grego -, uma ideia de se perder para se encontrar diferente, ou ainda para encontrar diferente, o outro, o que se aproxima da dimensão etnográfica e antropológica da errância. (JACQUES, 2014, p.284)

folheie as páginas deste trabalho

pare em uma imagem e observe

dê uma chance ao se perder…

Figura 18 – 2 de dezembro: Ônibus de viagem..

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 19 – 2 de dezembro: A possível avó e sua neta entrando no shopping.

- Reencontrei a possível avó e neta entrando no shopping. Fui atrás delas.

- Quando entro no shopping percebo que o “público” e os “atores” dessa busca aumentam em quantidade. Se as ruas do centro da cidade de Foz do Iguaçu estavam relativamente vazias de pedestres, agora vejo muitas pessoas, proporcionalmente ao tamanho do espaço do shopping.

Neste memorial também irei abordar mais adiante a noção de “estado cênico”, estado de disponibilidade para se instaurar ativamente com o que o programa diário propõe. Esse “estado cênico” é um termo utilizado pela performer Eleonora Fabião em um artigo em que reflete sobre a condição de um corpo cênico em estado de experiência e experimentação. Menciono aqui, pois foi durante esse dia a primeira vez que comecei a refletir sobre essa condição, mas nos próximos dias de busca acredito ter experimentado com mais profundidade a temática e terei mais materiais para elaborar o assunto.

- Enquanto eu entro no shopping toca no fone de ouvido a voz de Bethânia:

Minha vida era um palco iluminado.
Eu vivia vestido de dourado.
Palhaço das perdidas ilusões

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Seguindo a avó com sua neta, cheguei na vitrine de uma livraria. Fiquei observando a vitrine.

Minha avó, sempre que podia, me dava de presente um livro. Aniversário, natal, dias das crianças, ela adorava que o presente fosse um livro.

Figura 20 – 2 de dezembro: Vitrine da livraria.

Maria Neusa Teixeira Concer só aprendeu a ler e escrever quando já estava próxima da 3ª idade, primeiro o pai não autorizou e depois o marido. Involuntariamente eu, seu neto, fui aquele que impediu ela de continuar os estudos após o ensino fundamental. Eu nasci e minha avó passou a cuidar de mim no horário de suas aulas. Ela me dava livros com orgulho por eu passar horas e horas lendo, desde pequeno até minha adolescência. Minha avó teve orgulho de que cursei letras e me admira no campo das artes, talvez na contramão da expectativa de formação que mães e parentes projetam em seus filhos, sobrinhos, netos, etc, inclusive na contramão de parentes da minha própria família. Esse orgulho e admiração do poder da escrita e da leitura, fazem com que ela mesma duvide de sua capacidade intelectual, reflexiva e de saberes pela oralidade que ela mesma possui.

- Me perdi da avó com sua neta no shopping.

- Procuro pelos corredores e sinto que elas entraram na loja Havan.

- Mando um áudio no whatsapp para minha avó: “Vó você já foi na Havan?”

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 21 – 2 de dezembro: Vitrine da loja Havan

- Não obtenho respostas, então procuro entre os corredores.

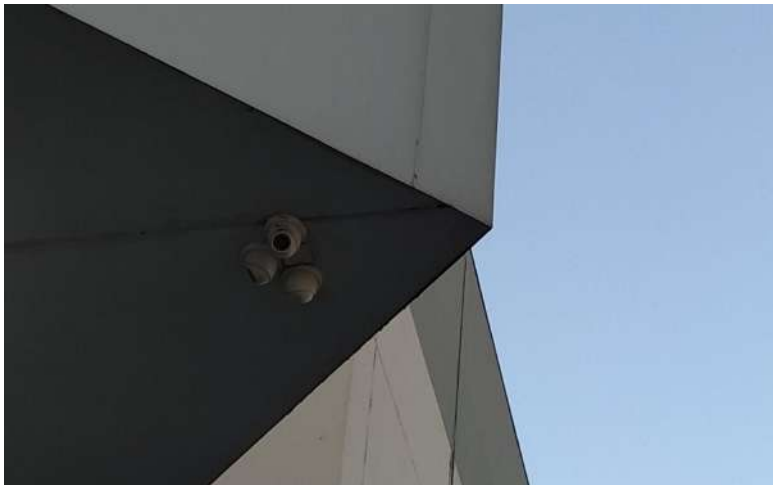
Figura 22 – 2 de dezembro: Corredor da loja Havan

- Procuro a avó com sua neta e procuro a minha avó. Porque encontrar uma é também encontrar um pouco da outra.

- Não encontro e desisto da loja.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Fora do shopping observo câmeras 360º que talvez saibam em que lugar se esconde minha avó.



O errante não vê a cidade somente de cima, a partir da visão de um mapa, mas a experimenta de dentro; ele inventa sua própria cartografia a partir de sua experiência itinerante. (JACQUES, 2014, p.32)

Figura 23 – 2 de dezembro: Câmeras do shopping

- Minha avó me responde no whatsapp: "*Não, não conheço a Havan"* e ainda comenta que é muito longe da casa dela.

- Voltando no caminho em sentido para casa. Vejo uma farmácia aberta com bancos na fachada: Resolvi me sentar.

É engraçado que não vi nem um espaço público projetado para se sentar em um local confortável e com sentido lógico, ou seja, não embaixo do sol forte como estão os bancos das praças de Foz do Iguaçu, isso se a praça tiver algum banco.

Figura 24 – 2 de dezembro: Eu na fachada da farmácia (1).

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Fiquei ali na porta da farmácia esperando pegar de surpresa minha avó que saíria dali. Minha avó frequenta muito as farmácias por conta de suas medicações, então esse local era extremamente possível.

Figura 25 – 2 de dezembro: Eu na fachada da farmácia (2).

- Fiquei ali por mais de uma hora esperando minha avó, mas ela não saiu da Farmácia.

Deve estar em outra. Farmácia é o que não falta nas cidades.

Inclusive, no intervalo entre ter descrito esse programa no diário de bordo e passar agora para uma escrita de um memorial, já há mais uma farmácia completamente nova que foi erguida em um terreno vazio entre essa farmácia e minha casa nesse curto espaço de tempo. E essa nova farmácia é 24 horas. Penso na caminhada que fiz ao longo desse dia, pensando a caminhada "como dispositivo de cavar espaços, pequenas fendas respiratórias, locais de encontro e de partilha nos dias endurecidos da cidade". (ENNES, ROMANINI, 2019, p.161)

- Voltei para casa.

Escute o álbum "Imitação da Vida" de Bethânia.

Que parte da vida você imitaria?

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

2.1.1 Derivas, caminhadas e errar para buscar.

Essa escolha de programa performativo *"Buscar minha vó. Pelo menos uma vez por dia (...)"* fez com que inevitavelmente em muitos desses dias, minha pesquisa vazasse de mim para as ruas da cidade. A realização desse programa nas ruas da cidade me colocou em algumas situações de errâncias, caminhares, derivas e/ou percursos pela cidade. Me senti convidado a pensar o deslocamento como uma possibilidade de prática estética, deslocar-se para instaurar encontros e relações.

Para investigar esse andar como prática estética há um autor referência chamado Francesco Careri que em seu livro 'Walkspace: El andar como práctica estética" (2013) faz um apanhado da experiência do andar, abordando desde o nomadismo egípcio e grego e séculos depois os movimentos vanguardistas do século XX como o dadaísmo, surrealismo e situacionismo, que também experimentaram, de formas variadas e particulares, o andar como prática estética.

Perceber uma cidade vazia e um shopping lotado é perceber que as pessoas caminham com objetivos bem limitados, na maioria das vezes condicionadas pelo mercado em uma sociedade neoliberal. Os cotidianos nas cidades estão, muitas vezes, conectados a gastar ou receber algum dinheiro. Como a proposta dessa pesquisa é realizar-se por meio de experimentações, é interessante pontuar, que, segundo o autor, a relação entre sujeito e cidade está justamente ligada à morte das experiências, ou ainda a "esterilização" das experiências, na qual a própria existência no cotidiano das cidades contribuem para que ocorra esse não acontecimento da experiência.

> (...) O processo de esterilização não destrói completamente a experiência, ele busca sua captura, domesticação, anestesiamento. A forma mais recorrente aceita hoje desse processo esterilizador faz parte do processo mais vasto de espetacularização das cidades e está diretamente relacionado com a pacificação dos espaços públicos. A pacificação do espaço público, através da fabricação de falsos consensos, busca esconder as tensões que são inerentes a esses espaços e, assim, procura esterilizar a própria esfera pública, o que, evidentemente esterilizaria qualquer experiência, e em particular, a experiência da alteridade nas cidades". (JACQUES, 2014, p.22)

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Eu conheço esse espaço, mas fatalmente posso desconhecê-lo. Essa possibilidade de errar o caminho e de perder-se é constante na minha proposta de buscar minha avó nas derivas. “Perder-se no lugar conhecido é uma experiência mais difícil, porém bem mais rica, do que a desorientação no espaço totalmente desconhecido”.(JACQUES, 2014, p.285). Entendo o “andar” neste trabalho como um acontecimento, experimentação e experiência. O errar-se na rua como proposta estética se aproxima da ideia de viver uma experiência proposta por Bataille que colocará o “não-saber” como forma de experiência que ele denomina como experiência interior:

> Entendo por experiência interior aquilo que habitualmente se nomeia experiência mística: os estados de êxtase, de arrebatamento ou ao menos de emoção meditada(...) E digo logo que ela não leva a porto algum (mas a um lugar de extravio, de não-sentido). Quis que o não-saber fosse seu princípio. A experiência nada revela e não pode fundar a crença a partir dela. (BATAILLE, 2016, p.33)

A arquiteta, urbanista e docente brasileira Paola Berenstein Jacques possui um livro no qual ela homenageia os “errantes” fazendo um panorama histórico e trazendo diversas reflexões sobre o errar na cidade. Paola ao refletir sobre experiência e as práticas de errância diz que a “experiência está diretamente ligada à ideia do percurso, da experiência, do percorrer e, assim, da própria ideia de errância(...) O vínculo entre experiência e errância, portanto, é extremamente forte”. (JACQUES,2014, p.27) e diz que a possibilidade de errância nos espaços urbanos se afirma como “(...)uma possibilidade de crítica, resistência ou insurgência contra a ideia do empobrecimento, perda ou destruição da experiência''. (JACQUES,2014, p.27)

Ao realizar esse trabalho, ao longo dos dias que acabei em derivas pelas cidades, fui notando essas infiltrações que a experiência errática pode causar. Seja uma criança invadindo uma área proibida, uma senhora aleatória procurando uma capivara ou um homem chamando por sua avó na porta de uma igreja fechada; em frente ao cotidiano, a deriva torna-se “(...)uma possibilidade de crítica, resistência ou insurgência contra a ideia do empobrecimento, perda ou destruição da experiência”. (JACQUES,2014, p.27). Como artista, performer, utilizo dos programas performativos propostos para uma possibilidade de estar à deriva nas cidades. Com uma proposta prévia, condições de preparo e com

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

procedimentos adotados encarar o “perder-se” e “buscar” nas mais diferentes possibilidades, o que inclui a cidade.

Ao iniciar os programas preparatórios percebi que havia um escoamento poético dos programas dentro de casa para fora de casa, ali também percebi que a velocidade era um fator importante, pois o ritmo acelerado do cotidiano afasta percepções variadas e profundas. No caso de buscar uma avó que está a quilômetros de distância haveria duas possibilidades, a primeira seria acelerar para que alcançasse ela o mais rápido possível e a segunda possibilidade é a desaceleração possibilitando encontrá-la comigo e encontrá-la em outros espaços, desacelerar com a ideia de:

> (...) saborear detalhes, conhecer e reconhecer os espaços que conectam saberes próprios da experiência perceptiva do corpo presente no espaço. demanda passos desconectados da coreografia ritmada e submetida à lógica funcional da execução de um trajeto objetivo, somos convidados a assumir dessa forma, a contramão dessa lógica, o des-com-passo cotidiano. (ENNES; ROMANINI, 2019, p.165)

Ir na contramão da lógica ritmada e funcional é permitir-se sentar nos bancos da fachada de uma farmácia aleatória e aguardar pacientemente minha avó.

3 de dezembro - Sonhos

Cheguei do trabalho e reparei que eu tinha tido um dia corrido e precisava me deitar o quanto antes. Decidi procurar minha avó nos meus sonhos e dormi mais rápido do que o normal.

Acontecimentos:

- Não sonhei com nada.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

4 de dezembro - Procurei minha vó sem música.

As cigarras se encarregaram da sonoplastia nessa noite calorosa pré-verão. Não tinha Betânia no fone de ouvido. Lembro que quando eu era pequeno minha avó explicou que as cigarras cantavam até explodir, e isso me deixava intrigado.

Acontecimentos:

- Fiquei observando as árvores para ver se avistava alguma explosão de cigarra.
- Olhando as árvores me lembrei da árvore gasolina.

A Árvore Gasolina

Quando pequeno, no caminho de ir para a igreja e voltar para casa eu reclamava muito para andar o percurso da volta. Minha avó surgiu com um galho de árvore que me entregou e que funcionava como gasolina. Eu pegava esse galho e ia arrancando cada uma das pequenas folhas até acabar como meu combustível pra aguentar andar o percurso. Essa memória estava muito esquecida. Fiquei curioso e tentei lembrar o nome dessa árvore.

- Perguntei para minha avó no whatsapp, ela lembrou da história, disse que essa árvore tem em “todo lugar”, mas que não sabia o nome.
- Resolvi procurar essa árvore no meu percurso de hoje, 4 de dezembro
- Não encontrei.
- Acessei os dados de arborização da cidade de Santos, SP e descobri o nome da planta: Flamboyanzinho (Caesalpinia Pulcherrima)

Eu comecei a busca cansado. Não encontrei minha avó, mas terminei a busca com mais energia.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Levante (Se estiver sentado)
Encontre uma fonte de energia
(Revire a casa, durma um pouco, corra pelo bairro…)
O que te traria energia, agora, nesse momento?
Não responda, encontre.

5 de dezembro - Acidentes

Acontecimentos:

- No percurso da busca de hoje vejo um acidente. Muitas pessoas em volta e o escuro da noite iluminado pela luz da sirene do SAMU.

Eu e minha avó íamos ao portão sempre que havia um acidente, era um momento de preocupação com a fragilidade da vida nesses momentos inesperados.

Figura 26 – 5 de dezembro: Ambulância.

- Os moradores tentavam ajudar como podiam. Mas já não tinha mais nada a ser feito, era só aguardar o trabalho do SAMU que já tinha chegado ao local.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Eu observava de longe e resolvi dar voltas nesse mesmo quarteirão para ver o mesmo acidente em diversos momentos diferentes.

- Dei 6 ou 7 voltas no quarteirão e acabei me perdendo na contagem.

- Na 6ª ou 7ª volta já não havia mais nada ali que marcasse visualmente o acidente. Apenas, no meio da rua, um retrovisor com o espelho trincado ao meio.

- Me observo nesse espelho e me vejo dentro desse acidente espelhado nessa memória muito específica que tenho com a minha avó.

Eu vi um acidente e lembrei de mais um espaço/motivo de encontro com minha avó, agora se somam três**: Telenovelas, igreja, acidentes.** Esse encontro pelo acidente me lembrou um comentário de Eleonora Fabião ao refletir sobre uma de suas performances: "Têm algo de super herói, algo hilariante, triste e terrível nisso tudo.”(FABIÃO, 2015, p. 214)

Figura 27 – 5 de dezembro: Meus pés, hidrante de recalque e um retrovisor.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

6 de dezembro - Busca Sensorial

- Procurei minha vó nas minhas lembranças em 15 minutos de olhos fechados, tocando meus dedos.

Lembrei que minha avó passava um hidratante com um cheiro muito específico. A busca sensorial, que se iniciou no toque, teve seu foco no olfato, pois senti o cheiro do hidratante enquanto me tocava.

- Dormi durante a execução desse programa.

7 de dezembro - Exame

Acontecimentos:

- Fui realizar um exame de Sangue e procurei minha vó no laboratório de exames.

- Não encontrei minha avó e ninguém parecida, apesar de ver diversas senhoras com seus netos ou desacompanhadas, nenhuma me fez encontrar a minha avó como por exemplo aquela possível avó com sua neta no shopping no dia 2 de dezembro.

- Comi os biscoitinhos após realizar o exame de sangue e bebi um chá.

- Andei um pouco pelo laboratório à procura de minha avó. O laboratório era pequeno.

- Um trabalhador, após me observar por alguns minutos, me perguntou se eu estava precisando de alguma coisa. Eu disse que estava esperando minha avó e ele respondeu:

“Ah! sua avó, sim, espera só mais um pouquinho que ela já está terminando o exame”.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Obedeci e esperei “minha avó” terminar o exame.

  .

- Saiu do local do exame apenas um senhor de 80 anos. Olhei bem. Não era minha avó.

- Fui embora.

Figura 28 – Imagem da árvore flamboyanzinho.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

8 de dezembro - Surpresa!

Acontecimentos:

Figura 29 – 8 de dezembro: Folha da árvore Flamboyanzinho.

- Não estava procurando minha avó, estava voltando do trabalho para casa de bicicleta e vi a planta Flamboyãzinho. Parei a bicicleta. Desci. Que saudade! A Gasolina… A planta gasolina.

- Achei uma árvore Flamboyanzinho nesse caminho.

Percebi que minha busca pela minha avó do dia de hoje tinha começado ali de surpresa, inesperado como um acidente.

- Observo a árvore e o seu arredor por alguns minutos.

- Peguei um galho e prendi na minha bicicleta e fui para casa observando nas calçadas se encontrava minha avó, apesar de já ter encontrado ela ali naquela árvore.

Era minha avó me entregando gasolina para continuar, para ter forças naquele caminho.

Figura 30 – 8 de dezembro: Flamboyanzinho na bicicleta (1).

Figura 31– 8 de dezembro: Flamboyanzinho na bicicleta (2).

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

9 de dezembro - Guardando o presente.

Acontecimentos:

- Acordei e antes de ir ao trabalho coloquei o galho da Flamboyãzinho num vaso com água gelada. Essa ação foi a disparadora da busca de hoje, 9 de dezembro.

Figura 32 – 9 de dezembro: Folha da Flamboyanzinho no vaso (1).

Figura 33 – 9 de dezembro: Folha da Flamboyanzinho no vaso (2).

- No caminho para o trabalho segui procurando minha avó.

- Via várias possíveis avós, mas não a minha.

Um galho da Flamboyanzinho ficou preso na minha bicicleta. Ao chegar no trabalho notei certos comentários preconceituosos pelo fato de haver plantas penduradas na minha bicicleta, dando a entender que a planta era de uso medicinal/religioso e que isso era um problema.

Escolha um bom lugar para guardar algo material que você possa acessar agora.
Guarde como um presente meu para você

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

10 de dezembro - Sorte

Acontecimentos:

- Procurei minha vó na escola onde trabalho. Estava sozinho, tinha quatros horas de intervalo, procurei ela e não achei.

- Procurei minha avó na quadra, na sala dos professores e nos banheiros e não encontrei.

Hoje tem apresentação do espetáculo de encerramento das oficinas de teatro que oferto.

- No finalzinho da busca pela minha avó eu recebi uma mensagem dela me desejando sorte.

Envie uma mensagem de sorte para alguém

11 de dezembro - Esquecimento

Acontecimentos:

- Esqueci de procurar minha avó.

- Troquei a água do galho do Flamboyanzinho que agora está murcho no vaso.

- Me senti triste por não tê-la procurado.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Fazer o que seja é inútil.
Não fazer nada é inútil.
Mas entre fazer e não fazer
mais vale o inútil do fazer.
Mas não, fazer para esquecer
que é inútil: nunca o esquecer.
Mas fazer o inútil sabendo
que ele é inútil, e bem sabendo
que é inútil e que seu sentido
não será sequer pressentido,
fazer: porque ele é mais difícil
do que não fazer, e dificilmente
se poderá dizer
com mais desdém, ou então dizer
mais direto ao leitor Ninguém
que o feito o foi para ninguém.

João Cabral de Melo Neto

12 de dezembro - Busca matinal

Acontecimentos:

- Acordei mais cedo que o normal.

Minha avó tinha o costume de acordar bem cedo e ir dar algumas voltas na rua.

- Procurei minha avó na rua pela manhã.
- Observei novamente a falta de bancos nas praças.
- Procurei ela entre os carros na rua e nas vitrines das farmácias que divulgavam promoção de ivermectina.
- Os caminhos que faço agora são familiares entre os dias de busca.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Antes do fim da busca recebi no whatsapp dos meus amigos uma foto dela na igreja com eles.

Figura 34 – Print de whatsapp do grupo de amigos.

Figura 35 – Foto da minha avó na igreja com meus amigos

Performar no zap zap

Escolha uma conversa do seu zap zap

Mande um áudio qualquer

Peça para que o destinatário responda com um link

Entre no link

"Navegue na web" deste link por um tempo

Tire um print

Envie o print para um outro destinatário iniciando uma nova conversa.

13 de dezembro - Igreja

Acontecimentos

- Com uma mochila nas costas, esperei minha avó na porta da igreja.

Figura 36 – 13 de dezembro: Eu esperando minha avó na frente da igreja (1).

Figura 37 – 13 de dezembro: Eu esperando minha avó na frente da igreja (2).

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Chamei ela algumas vezes. Com repetidos “Ô Vó!”

- Muitos carros passavam naquela rua e os sons do carro me agitavam.

- Bati palmas e retornei a chamar minha avó da mesma forma que a chamava no portão dela quando eu era criança.

- Andei impacientemente enquanto aguardava ela aparecer.

- A igreja estava fechada e visivelmente sem ninguém lá dentro. Mas eu fui persistente.

Com os encontros dos últimos dias: Flamboyanzinho, acidentes, cigarras, me sinto mais dentro da pesquisa. Não sei o que eu realmente procuro enquanto chamo ela, espero que de lá venha minha avó rindo do jeitinho dela? Ou que venha uma avó séria, centrada, num universo oposto? Ou ainda, espero somente mais pistas enquanto performo os passos do reencontro? Onde irá dar esse drama do neto perdido?

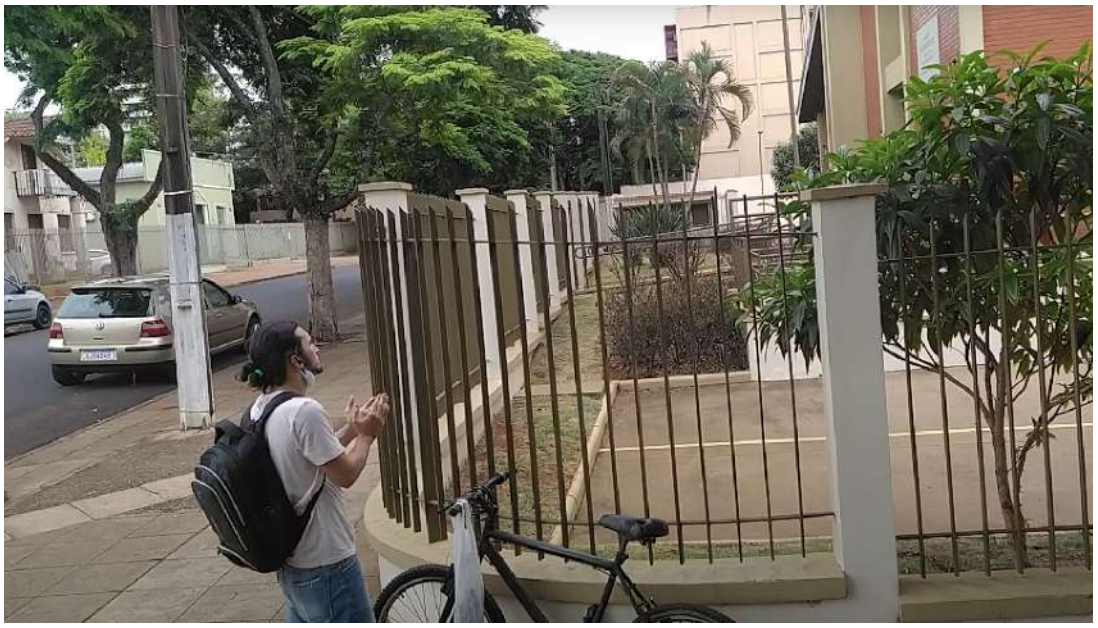


Figura 38 – 13 de dezembro: Eu esperando minha avó na frente da igreja (3).

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

14 de dezembro - Igreja 2

Acontecimentos:

- Fui até a porta da igreja novamente, dessa vez mais tarde e de sombrinha.

- Parece que o fato de eu estar todo de preto e com uma sombrinha preta compôs um figurino que gerava mais atenção dos transeuntes em mim.

- Meu coração estava acelerado. Eu estava ansioso e com muita expectativa e ao mesmo tempo curtindo aquele momento: A expectativa e o procurar.

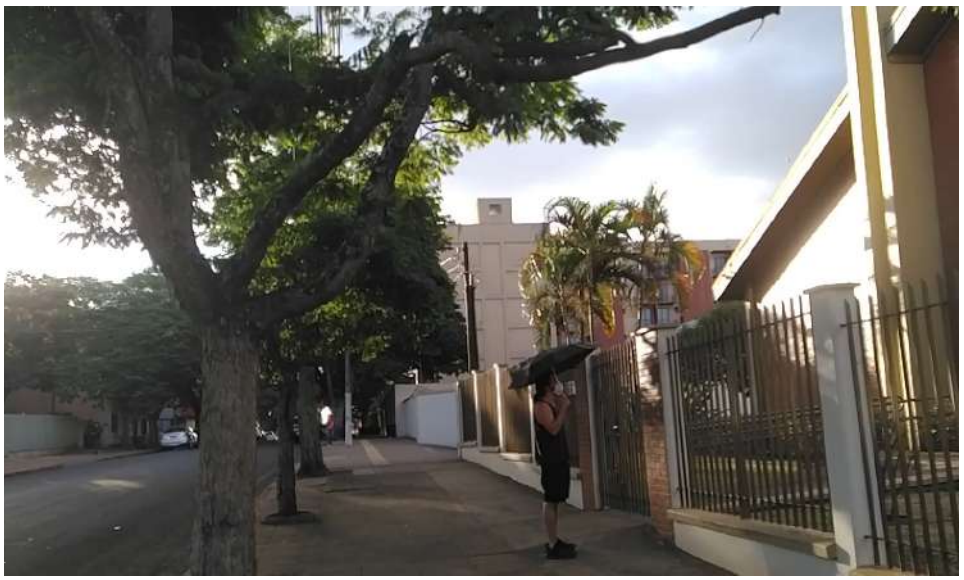


Figura 39 – 14 de dezembro: De sombrinha esperando minha avó na igreja (1).

Figura 40 – 14 de dezembro: De sombrinha esperando minha avó na igreja (2).

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Só agora percebi que em frente a igreja havia uma árvore Flamboyanzinho - A árvore Gasolina.

Figura 41 – 14 de dezembro: Árvore Flamboyanzinho em frente a igreja.

Pela primeira vez eu entendi que minha pesquisa artística já estava acontecendo todos esses dias. Que essa busca é a minha pesquisa e que cada momento compõe parte dela, isso não é um preparatório, ou é, mas se for, esse preparatório é também pesquisa.

2.1.2 Corpo e estado cênico: uma experiência entre

Abro este subcapítulo para abordar algo que vem sendo experimentado e experienciado em diversos dias de busca: O corpo do performer (eu corpo na cena/espaço).

O que eu, ator, trago dos palcos para cá? Quais são as semelhanças e as rupturas? A artista Eleonora Fabião que me inspirou a adentrar nos Programas Performativos possui um artigo no qual se debruça em uma reflexão, exclusivamente, sobre o corpo do

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

performer que se intitula “Corpo Cênico, estado cênico” no qual reflete como um corpo experimenta espaço e tempo de forma potencializada e também de forma ativa, investiga um corpo que potencializa espaço e tempo a partir de suas ações. (FABIÃO, 2010)

> O corpo é sólido, pastoso, gelatinoso, fibroso, gasoso, elétrico, líquido. O corpo acontece em densidades cambiantes. Estamos permanentemente vibrando, uma vibração mínima. O adjetivo “vibrátil” nomeia não apenas essa condição de combinarmos e cambiarmos densidades permanentemente, mas também um tremular contínuo, a oscilação entre ser e não ser, entre vida e morte, entre arbítrio e determinismo que encarnamos. A cena exacerba a condição vibrátil do corpo. Porque hiper-atento, o corpo cênico torna-se radicalmente permeável. Contra a ideia de corpos autônomos, rígidos e acabados, o corpo cênico se (in)define como campo e cambiante. Contra a noção de identidades definidas e definitivas, o corpo-campo é performativo, dialógico, provisório. Contra a certeza das formas inteiras e fechadas, o corpo cênico dá a ver “corpo” como sistema relacional em estado de geração permanente. (FABIÃO, 2010, p. 322)

Essa condição “vibrátil” do corpo cênico é o entrelaçamento entre espectador e ator, e a condição de que palco e plateia se assistem simultaneamente. A plateia é um espetáculo para os atores em cena. “Vibrátil” na condição de ver e ser visto. Fabião diz que a ação cênica acontece fora do palco, entre palco e plateia, fora dos corpos, no atrito das presenças. (FABIÃO, 2010, p. 323) A artista e docente Angelene Lazzareti, que orienta esse trabalho, em sua pesquisa de doutorado ao abordar o entrelugar entre memória e mirante descreve sobre o tempo e essa condição vibrátil “(...)o tempo como uma vibração rítmica produzida com, pelo e no corpo (...) Assim, nada simplesmente continua como um fato fixo: entre instantes descontínuos, até mesmo o repouso é um estado de vibração. Haverá sempre hesitação, lacunas, intervalos e a inserção do nada sobre o tempo”. (LAZARETTI, 2019, p.36)

Portanto o “DRAMA” desse neto perdido não está escrito aqui por mim como um gênero literário que se seguirá por suas construções dramáticas dramatúrgicas, o “drama” presente neste trabalho é essa condição do espaço e das relações instauradas nele. “A ‘ação cênica’ não nomeia exclusivamente a ação que ocorre em cena. Ou, ainda, a cena conectiva não se restringe ao que acontece no palco, mas inclui o drama da sala”. (FABIÃO, 2010, p. 323) e nesse trabalho o drama performativo, o drama das experimentações e o drama do (im)possível.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Eleonora Fabião perguntou à performer, cubana-americana, Alina Troiana como ela se sente quando está atuando, se a percepção sensorial dela se altera e o que seria “estado cênico” de acordo com as próprias experiências. E ela respondeu o seguinte:

> Eu digo que quando estou no palco estou fazendo as pessoas gozarem enquanto estou gozando. Para mim acontece nesse nível de sexualidade. […] No palco você está absorvendo uma química louca que o seu corpo produz. É uma bomba! […] Eu fico rápida e atenta. Posso ver e escutar muitas coisas ao mesmo tempo. Se eu tenho uma gripe, se estou menstruada, seja lá o que for, entro no palco e tudo isso desaparece! […] Sinto muito medo antes de entrar em cena. (FABIÃO ,2010, p. 325)

Ainda sobre o “Estado Cênico” trago aqui reflexões de outros teóricos que colaboram com essa definição defendida por Fabião em suas experimentações, e explorada e defendida por mim nessa pesquisa. O ator, diretor e investigador teatral Amílcar Borges de Barros que desenvolve sua investigação a partir da dramaturgia corporal ao refletir sobre o estado cênico diz que a “(...)ação cênica(...) é um potencial de modificação, deslocamento e difração de um corpo que transita para seu (re)conhecimento e sua (re)criação na experiência estética” (BARROS, 2011 p. 97). O ator, professor e autor Renato Ferracini em seu livro “Ensaios de atuação” ao teorizar sobre o papel do ator considera o “acontecimento” como uma das áreas de atuação e chamará esse estado de atenção e de estar presente como um corpo cênico de “Forças invisíveis da atuação”, "(...)A materialidade do corpo potencializa o terreno performativo e gera nessa ação possíveis linhas de fuga das relações de representação e de modelos pré-estabelecidos". (FERRACINI, 2013, p.33). O professor ainda explica como a ação do estado cênico, em suas palavras, “a atuação”, não possui relação com privilégios de “um ser que possui uma suposta essência ou uma existência superior, mas somente aquele que faz desse fluxo de potência, dessa busca de transformação e criações de linha de fuga e transbordamento uma recriação poética do corpo por meio das ações físicas”. (FERRACINI, 2013, p.80) A atuação parte, portanto, da recriação poética de ações e que devem estar ancoradas no presente, garantindo um corpo de escuta, um corpo atento a si, ao outro e ao meio, como diz Eleonora Fabião: “A qualidade de presença do ator está associada à sua capacidade de encarnar o presente do presente, tempo da atenção. O passado será evocado ou o futuro vislumbrado como formas do presente” (FABIÃO, 2010, p. 322). Essa qualidade do tempo presente do ator/performer vai de encontro com a performer Diana Taylor

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

professora nos departamentos de Estudos da Performance e Espanhol & Português na Tisch School of the Arts da New York University e também diretora fundadora do Instituto Hemisférico de Performance e Política, que, ao abordar sobre o repertório da artista/performer, invoca o tempo presente "(...)O repertório requer presença - pessoas participam da produção e reprodução do conhecimento ao "estar lá", sendo parte da transmissão". (TAYLOR, 2013, p.50) Defendo nesse trabalho a realização dessas experiências e acontecimentos como o processo criativo e a obra, podendo abrir janelas para outras possibilidades. A pintora e desenhista brasileira Edith Derdyk ao refletir sobre o ato criador diz que ele sobre "(...)exige uma presença no presente para que o que foi feito seja hipótese para futuros fazeres". (DERDYK, 2001, p.15)

Estar no tempo presente é abrir espaço para estar na atenção. A atenção do tempo presente aqui abre espaço tal qual a desaceleração das derivas urbanas abrem para o caminhar. Meus procedimentos como performer, apesar de incluírem um trabalho de resgate e memória, foram baseados no uso do tempo presente; apesar de ser uma pesquisa cênica sem textos, sem roteiros e ensaios, houve uma dedicada preparação corporal; e apesar de ser uma busca distante, me baseei em derivas na desaceleração.

> A atenção permite que o macro e o mínimo, grandezas que geralmente escapam na lida cotidiana, possam ser adentradas e exploradas. Essa operação psicofísica, ética e poética desconstrói hábitos. Atentar para a pressão e o peso das roupas que se veste, para o outro lado, para as sombras e os reflexos, para o gosto da língua e o cheiro do ar, para o jeito como ele move as mãos, atentar para um pensamento que ocorre quando rodando a chave ao sair de casa, para o espírito das cores. A atenção é uma forma de conexão sensorial e perceptiva, uma via de expansão psicofísica sem dispersão, uma forma de conhecimento. A atenção torna-se assim uma pré-condição da ação cênica; uma espécie de estado de alerta distensionado ou tensão relaxada que se experimenta quando os pés estão firmes no chão, enraizados de tal modo que o corpo pode expandir-se ao extremo sem se esvair. (FABIÃO, 2010, p. 322)

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

15 de dezembro - Uber

Acontecimentos:

- Comecei minha busca entrando em um carro de aplicativo Uber.
- Resolvi dizer ao motorista do Uber que estava indo encontrar a minha avó, assim que entrei no carro.
- O motorista estava em silêncio ouvindo o Jovem Pan News e me respondeu um breve “que bom".
- Cheguei ao meu destino e não vejo minha avó.

Interrompa programações fascistas com curiosidades pessoais.

16 de dezembro - Céu

Acontecimentos:

- Estendi as roupas buscando minha avó enquanto observava o céu.
- Estendi uma camiseta branca e observei a lua.

Obs: Minhas roupas brancas nunca ficam tão brancas.

Quando eu era pequeno nós nos juntávamos todas as noites para ela prender roupa por roupa com os pregadores de madeira. Para estender as roupas no varal ela subia em uma escada e por vezes, subia da escada em um muro e se pendurava. Ela construía essa cena de provável acidente só para estender as roupas. Me lembrei do acidente da busca do dia 5 de dezembro.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Estender as roupas com a minha vó era um convite dela. 1) Eu ajudava a segurar a bacia de pregadores de madeira. 2) Ela não ficava no quintal no escuro sozinha e 3) Era uma oportunidade de ela me falar da previsão do tempo do dia seguinte. Suas varizes e o céu juntos agiam como a previsão do tempo. De acordo com as dores em suas pernas, minha vó sabia se iria ou não chover no dia seguinte, e confirmava a informação das dores observando o céu. Fiquei pensando nessas linhas das varizes que determinam a previsão do tempo como um mapa meteorológico.

17 de dezembro - Procurei minha avó nos registros.

Como uma boa busca de quem quer procurar e encontrar algo, é preciso fazer uma pausa e observar os caminhos já trilhados até aqui. Até aqui foram 16 dias de buscas nas ruas em bairros na região central de Foz do Iguaçu, na minha própria casa, no meu trabalho, em laboratório de exame, em carro de aplicativo e na fachada de uma igreja. Decido que é preciso expandir essa busca, ir para lugares mais movimentados e outros lugares ainda não explorados. Aproveito que estou de férias e irei realizar duas viagens para seguir com a minha pesquisa, agora mais ativa do que nunca. Agora o tempo de dedicação e minha energia provavelmente serão outros, marco aqui como uma virada dessa busca. Amanhã vou ao centro comercial da cidade, procurar minha avó antes de partir de Foz do Iguaçu.

▪

▪▪

▪▪▪

▪▪▪▪

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

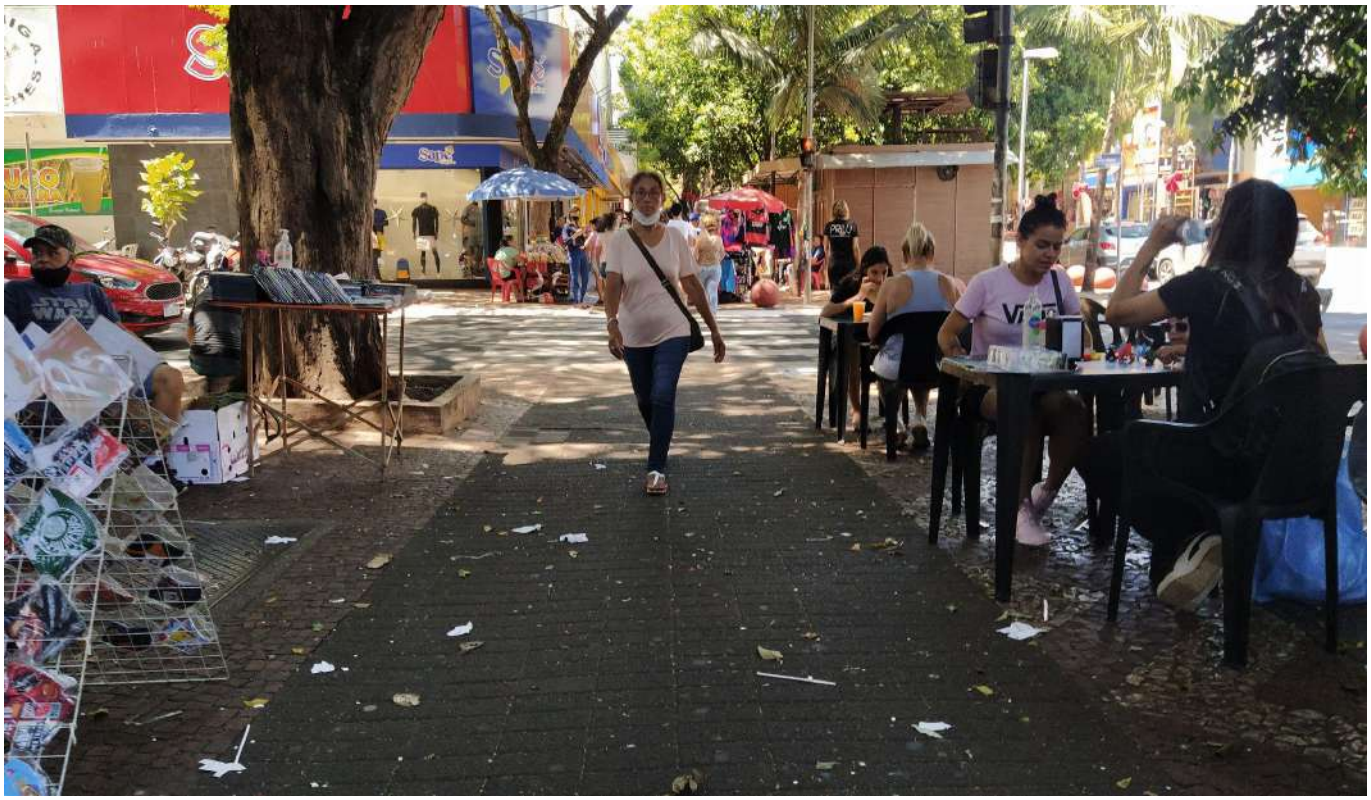


Figura 42– Centro comercial de Foz do Iguaçu (1).

Figura 43 – Centro comercial de Foz do Iguaçu (2).

Figura 44 – Centro comercial de Foz do Iguaçu (3).

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

18 de dezembro - Procurei minha avó no centro da cidade e fiz um mapa.

Acontecimentos:

Figura 45 – 18 de dezembro: Placa: “Saque seu FGTS aqui, dinheiro hoje”..

- Percebo o uso, o não uso e as diferentes formas de lidar com máscara.
- Sacolas, pacotes, presentes, produtos. É época de natal.
- Placa: “Saque seu FGTS aqui. Dinheiro Hoje”.
- O menino invade o presépio no lugar de Jesus.
- Eu observo o menino dividindo a manjedoura com o boneco do menino Jesus.
- Uma senhora chama o menino
- Um segurança me observa e diz:

Tá calor heim?!

Figura 46 – 18 de dezembro: Criança e o presépio do menino Jesus.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Sorrio com simpatia para o segurança, mas estou de máscara.

- Me esforço para sorrir com os olhos.

- Pessoas comem pastéis.

- Uma placa escrito “Bolsas R$25,00”

- Observo a mistura de decorações natalinas com placas de protocolos de segurança contra a covid, potes de álcool em gel e pessoas mascaradas ou semi-mascaradas.

- Apesar do medo, sinto-me esfuziante por estar de volta em presença e por estar em cena: Em estado cênico.

- Resolvi entrar em um bazar.

Quando eu era pequeno eu ia muito em um Bazar para minha avó comprar linhas para seus bordados e crochês.

- Fui até as seções de artesanato.

- Vi linhas de diferentes cores.

- Senti o cheiro de tecido e de materiais de artesanatos que me lembram muito minha avó. Ela fazia os mais diferentes trabalhos artesanais. A minha artista inspiradora da família. Hoje minha mãe também é artesã.

- Uma senhora discutia sobre a cor do tecido que ela comprou não ser igual ao tecido que ela levou de mostruário.

- Andei pela loja sentindo fome de pastel.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Resolvi comprar uma linha vermelha para aplicar em uma ideia que eu tive para esse trabalho.

- Escolhi a linha vermelha pelo preço, não conheço modelos, tipos e tamanhos, então comprei a linha vermelha mais barata.

- Compro também um canetão e um pacote de post-its.

- Aproveito para imprimir algumas imagens que estão salvas no meu celular.

- Vou para casa.

- Em casa planejo fazer um mapa da minha trajetória até aqui.

- Vou ligando uma foto com outra por meio das linhas vermelhas e de algumas palavras disparadoras escritas no post-it.

As linhas como as varizes da perna de minha avó e como os caminhos que tracei na cidade de Foz do Iguaçu, ao longo desses 18 dias de busca. Eis o resultado:

Figura 47 – 18 de dezembro: Mapa/mural das buscas (1).

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 48 – 18 de dezembro: Mapa/mural das buscas (2).

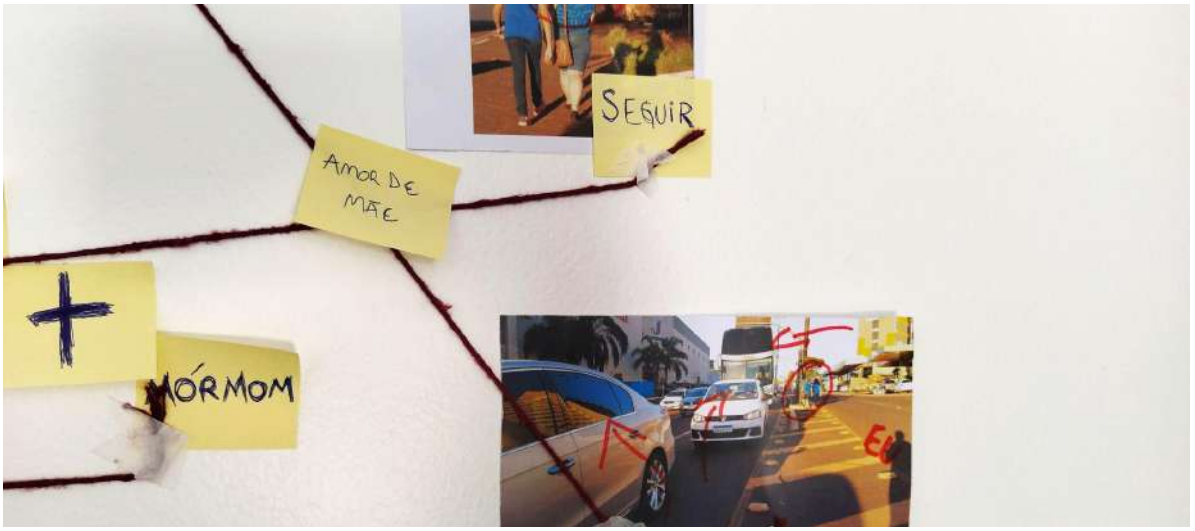
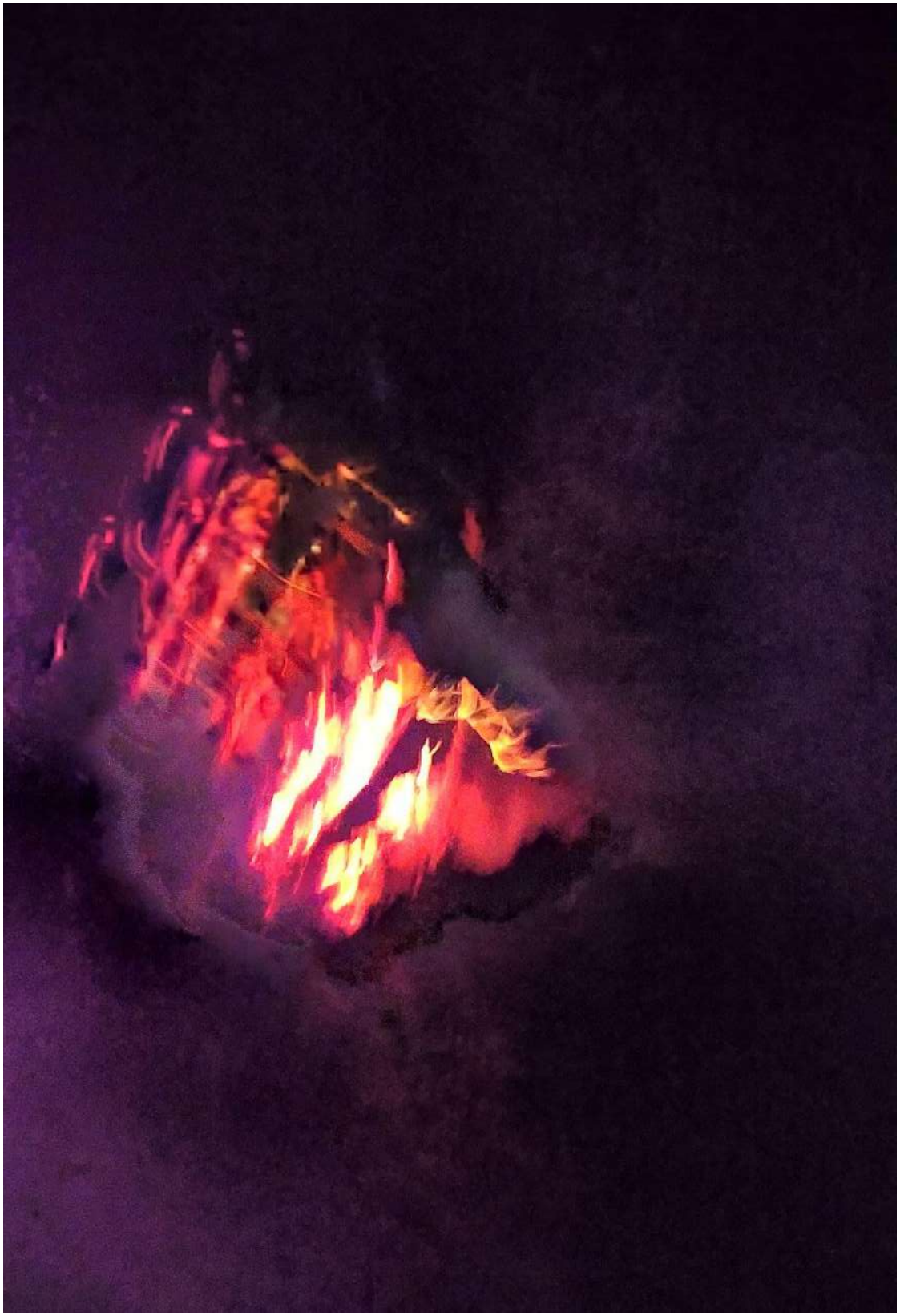


Figura 49 – 18 de dezembro: Mapa/mural das buscas (3).

Figura 50 – 18 de dezembro: Mapa/mural das buscas (4).

Agora deixo Foz do Iguaçu e vou partir numa nova jornada. De férias do trabalho, vou visitar amigos e parentes na cidade de Florianópolis e minha busca irá seguir por lá.

Figura 51 – Fogueira.



Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

19 de dezembro - Florianópolis, lua vermelha.

Cheguei em Florianópolis. Estou hospedado numa casa em um bairro rural. Estou em Ratones.

Acontecimentos:

Figura 52 – 19 de dezembro:Fogueira, fumaça, céu e lua.

- Procurei minha vó quando o sol se foi.
- Procurei ela, enquanto observava uma fogueira queimar.

Lembrei que minha vó queimava alguns documentos que achava perigoso jogar no lixo, por conterem informações pessoais. Fiquei pensando em como essas informações hoje são ofertadas pela internet de forma muito fácil e ninguém se preocupa em queimar informações virtuais.

- Toca a música Lua Vermelha do Álbum de Bethânia.
- A lua está bonita bem acima de mim. Lua branca.
- Abaixo vejo a brasa vermelha.
- Vejo a fumaça subindo e peço que funcione como um sinal, para que essas fumaças cheguem até a minha vó que está em outro litoral. E que ela saiba que estou procurando por ela todos os dias. Procurando qualquer sinal dela.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

“Como eu faço para construir memórias?
Como eu faço para estar presente?
Como eu faço para estar em duas ilhas?”

Yasser Socarrás[5]

Lua vermelha
Quase sem amor
Minha luz alheia
Brilho sem calor

Maria Bethânia

20 de dezembro - pensei no mar daqui e no de lá.

Acontecimentos:

- Sentei na grama.
- Olhei para a imensidão do horizonte.
- Procurei por ela lá de cima nas montanhas.

Figura 53 – 20 de dezembro: Morro e mar.

Havia um extremo silêncio que era cortado, às vezes, por sons de gaivotas praianas. As cores verde e azul definiam o ambiente, era como se eu tivesse alcance do infinito e pudesse gritar, rolar, me descabelar à procura de minha avó.

Mas dessa vez meu grito foi de fora para dentro.

[5] Fala proferida pelo professor, cineasta e pesquisador Yasser Socarrás Gonzáles na conversa “Memórias e Arquivo na construção fílmica” no encontro organizado pela disciplina Arte Como Pesquisa ministrada pelo professor Fábio Salvatti e pelo grupo de pesquisa Poéticas do Entre coordenado pela professora Angelene Lazzareti. Encontro disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LUtBHxYIveU> Acesso: 17 de março de 2022.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

21 de dezembro - Procurei minha avó de dentro da água.
Dentro do mar as memórias são outras.

Acontecimentos:

- Procurei por ela na parte rasa do mar.
- Encontrei uma possível avó com dois netos.
- Os observei por algum tempo.

Eu buscava minha avó enquanto tentava não ser empurrado pelas ondas, lembrei de quando minha avó me ensinou a entrar no mar de costas para as ondas não me derrubarem.

- Recebo uma onda grande no meio do rosto. Sal.
- Grito debaixo do mar.

Figura 54 – 21 de dezembro: Beira-mar

O mergulho e meu corpo despertam sensações. A saudade do sal do mar. Cheguei a lembrar dos sons que minha vó fazia no mar comigo quando eu era criança. É difícil descrever sons em palavras digitadas, mas eram expressões sonoras como:

Huuuuuuuul ; Ihuuuuuuuu ; Huhuuuuuuuu

- Nadei para procurá-la até cansar.
- Não encontrei.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Saí do mar e de fora lembrei das conchinhas que catávamos antes das 07 horas da manhã na praia para pegar o "franguinho" que tinha dentro e fazer ele na comida do almoço.

- Caminhei um pouco nessa transição de estar em performance e não estar.

- Me sentei na areia a beira-mar.

22 de dezembro - Estava cuidando de 4 crianças

Acontecimentos:

- Resolvi preparar a busca da minha vó de forma compartilhada já que estava cuidando de 4 crianças. Uma dessas crianças era minha irmã, ou seja, a nossa avó é a mesma.

Contei para as crianças que estou procurando por minha avó há 22 dias. Minha irmã disse que não fazia sentido pois nossa avó estava em Santos e nós estamos em Florianópolis. A Isa me disse que mora em Santos e que tem uma avó que mora lá num apartamento pequeno. A Sofia me disse que a avó dela estava ali na casa em frente ao gramado onde realizamos o programa.

- Após essa conversa breve, propus que procurássemos pistas da minha avó pelo terreno das casas e também pelas casas durante 5 minutos, ao final a gente juntaria as pistas como investigadores. Me perguntaram se já podia falar o que ia trazer: eu disse que não, que seria preciso guardar esse segredo até o fim do tempo do relógio.

Encontrei um chaveiro perdido na grama e minha avó amava chaveiros.
Julia → Levou um pano.
Sofia → Levou duas vassouras.
Isa → Levou uma xícara de chá de vidro marrom, daqueles conjuntos “Duralex”
João → Levei um pregador de madeira.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Conversamos um pouco sobre os produtos e a característica caseira que eles possuíam.

- Propus uma segunda jornada, onde nós andaríamos por mais 5 minutos e poderíamos tirar algum desses elementos ou encaixar mais algum a eles.

Foram acrescentados:

Sofia → Girassol
Julia → Vaso de planta
Isa → Tapete
João → Planta

Figura 55 – 22 de dezembro: Objetos encontrados.

- Conversamos no escuro com a luz do luar e da lanterna do celular sobre os elementos e sobre as nossas avós. As crianças esqueceram do celular naquele fim de tarde e eu também.

23 de dezembro - Encontrei minha vó na minha mãe.

Acontecimentos:

- Ao observar minha mãe, encontrei nela pedaços da minha avó.

Visualizei as marcas do tempo que começam a marcar o rosto da minha mãe da mesma forma como era o rosto da minha avó quando eu era pequeno. O óculos…a lógica do

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

pensamento. Eu e minha mãe também somos apegados a assistir telenovelas e comentar um com o outro. Quando passava “A Favorita” minha mãe trabalhava em dois empregos, e nós acompanhamos a trama da novela juntos, lendo revistas de fofocas no intervalo do trabalho dela e hoje fiquei na frente dela observando-a por um tempo e traçando semelhanças e diferenças entre as duas e nossas relações.

2.1.3 Performance e Memória: Repertório

> Todos possuímos provas concretas de que sempre que recordamos um dado objeto, um rosto ou uma cena, não obtemos uma reprodução exata, mas antes uma interpretação, uma nova versão reconstruída do original. Mais ainda, à medida que a idade e experiência se modificam, as versões da mesma coisa evoluem. (DAMÁSIO,1996 p.128).

Trazendo para esse trabalho o termo memória performática, defino como performática a mesma noção que Eleonora Fabião traz em seu texto “Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea” (2008): a ação que integra corpo, estética e política e, no caso da minha pesquisa, como foi notório até aqui, escolhi os programas performativos para pensar na relação entre o proposital e a experimentação. Proposital no sentido que se afasta da improvisação teatral, pois requer uma série de intenções corporais (não intenções morais ou de criações centrais de significados), mas sim de uma preparação e um planejamento; e de experimentação no sentido que se aproxima da improvisação. Ao longo da realização dos programas deste trabalho torna-se perceptível que há um espaço também imprevisível, pois requer a prática para construir a realização do programa, e essa prática, apesar de planejada, não possui ensaios, deve ser o próprio acontecimento. Já o termo “memória” me faz retomar a pesquisadora em Estudos da Performance Diana Taylor que defende a performance como memória incorporada, como parte de um sistema de aprendizagem, de armazenamento e transmissão de conhecimento, esse, diferente do conhecimento da escrita e dos arquivos, que o ocidente e a invasão das américas instauraram como única ou legítima forma de saber.

> (...)Ao levar a performance a sério, considerando-a um sistema de aprendizagem, armazenamento e transmissão de conhecimento, os estudos da performance nos permitem ampliar o que entendemos por “conhecimento”. Esse gesto, para começar, pode nos preparar para

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

> desafiar a preponderância da escrita nas epistemologias ocidentais. (TAYLOR, 2013, p.45)

No início desta pesquisa em que propus como temática a investigação da relação entre minha avó e eu a partir do “ver telenovelas” e “ir a igreja”, eu estava preocupado quanto a ausência de documentos que construíssem a legitimação das lembranças que tenho da minha infância e adolescência. O documento me parecia a única forma legítima para pensar um trabalho que implica a memória, assim como as pesquisas acadêmicas e científicas nos fazem acreditar ser. Até mesmo na arte, nos deparamos com construções que se legitimam apenas por documentações, pelo “arquivo”, no teatro ocidental, por exemplo, por muito tempo foi difícil, e por vezes ainda é, relativizar o domínio do texto em experimentações cênicas.

Paralela a essa vontade de trabalhar com a documentação memorial entre eu e minha avó que nasceu na disciplina Genealogia das Mentalidades, havia uma vontade de concluir esse curso com uma experimentação em artes que nasceu nas disciplinas de Performance; Arte, Recepção e Comunidade; A Cena Pós-dramática Latino-americana e Curso Monográfico em Artes Cênicas. Experimentar uma criação artística a partir das noções de performance, programas performativos, experiências, derivas e memórias me fez encontrar a legitimidade necessária para caminhar nessa pesquisa meio programa/meio deriva/meio experiência/meio memória que é a busca (improvável, impensável, [im]possível) pela minha avó. Diana Taylor ao abordar a memória com a dicotomia do que se pensa entre “Arquivo” e “Repertório” irá apresentar o repertório como tudo aquilo que é visto como efêmero, não duradouro e não reproduzível e que, como já discutido no subcapítulo do estado cênico, o repertório se situa no presente e com a presença. Enquanto o arquivo seria o trabalho à distância, acima do tempo e do espaço e que com isso alguns mitos são elaborados como se o arquivo estivesse imune “à mudança, à corruptibilidade e à manipulação política” (TAYLOR, 2013, p.49)

Essas deslegitimação da memória incorporada cria uma espécie de valoração única para os arquivos, no qual, textos, documentos, fotografias, vídeos, edifícios apresentam uma ideia de memória mais legítima do que os repertórios como a língua falada, as danças, os

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

ritos, os esportes e as performances. Não à toa, percebemos essa herança colonial instaurada até os dias de hoje.

> (...) O que mudou com a escrita não foi que a escrita deslocou a prática incorporada (...) mas o grau de legitimação da escrita em relação a outros sistemas epistêmicos e mnemônicos. A escrita assegurava que o Poder, com P maiúsculo, conforme Ángel Rama, poderia ser desenvolvido e imposto sem a opinião da grande maioria da população, os indígenas e as populações marginais do período colonial, sem acesso a escrita sistemática. (TAYLOR, 2013, p.47)

Não é por acaso que minha avó me dava livros de presentes e admirava o primeiro graduado da família, ainda em um curso de letras. Ao mesmo tempo que a integrante da família com seus conhecimentos mais deslegitimados é ela. Mulher, idosa e que não deu continuidade aos estudos que começou já adulta, e que possui em suas histórias (orais), em seus costumes e habilidades artísticas (artesanato) memórias incorporadas e, com elas, muito saber.

> A memória incorporada está “ao vivo” e excede a capacidade do arquivo de captá-la. Porém, isso não significa que a performance - Como comportamento ritualizado, formalizado, ou reiterado - desaparece. As performances também replicam a si mesmas por meio de suas próprias estruturas e códigos. Isso significa que o repertório como arquivo é mediado(...) Eles se reconstituem transmitindo histórias, memórias e valores comuns de um grupo/geração para outro. Os atos incorporados e performatizados geram, gravam e transmitem conhecimentos. (TAYLOR, 2013, p.51)

Eu não tenho arquivos para esse trabalho, mas eu tenho a possibilidade de encontrar traços da minha avó na minha mãe, numa senhora do shopping, em objetos dentro e fora de casa, na igreja, no mar, nos acidentes, nas folhas da flamboyanzinho, na fumaça, no pregador, nas memórias que vão se (re)construindo ao longo dessa experimentação. Angelene Lazzareti refletindo sobre a relação da memória repertório com o acontecimento teatral diz que: “(...) no lugar de fatos concretos e relatos exatos, importa mais o movimento de recriação da memória que, ao ser realizada no acontecimento teatral, faz dos corpos em estado de partilha participantes da atualização das memórias que, de individuais, tornam-se coletivas”. (LAZZARETI, 2019, p.47) O repertório não funciona como um depósito no qual, seja possível acessá-lo sem transformações significativas, “O

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

repertório ao mesmo tempo guarda e transforma as coreografias de sentido". (TAYLOR, 2013, p.50)

> (...)Em O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano, Damásio destaca que as lembranças constituintes da memória, quando acionadas, surgem sob a forma de imagens mentais que podem ser visuais, olfativas, táteis ou auditivas. Tais imagens-lembranças sofrem modificações constantemente, não serão idênticas ou repetíveis em relação à sua origem, pois operam de forma contextual e reconstrutiva. As imagens mentais estão localizadas como representações dispositivas, que não contém a figura fixa da lembrança de um acontecimento, mas os meios e caminhos que desencadeiam a reconfiguração atualizada dessa imagem. (LAZARETTI, 2019, p.37)

Esse caráter da memória como reconstrução de um passado no tempo presente se encontra em vários dias de busca percorridos neste trabalho. Se no início as telenovelas e a igreja eram boa parte do passado vivido com minha avó e não haviam outras experimentações que me aproximassem dessa relação, o experimentar com programas performativos me levou para a rua, e na rua essa memória se reconstrói. Para entender a memória como ferramenta para processos de criação em performance trago aqui um texto essencial para a realização dessa pesquisa: "A memória como recriação do vivido aplicada às artes performativas" (2009) da autora, atriz, professora e pesquisadora de teatro Patrícia Leonardelli em que ela recorre à história do tratamento recebido pela "memória" a partir das teorias do conhecimento percebendo a transição da memória como condição de arte para a condição de ciência (LEONARDELLI, 2009, p.193). Ao fazer esse resgate histórico, Patrícia irá trazer reflexões fundamentais sobre a fronteira entre realidade e ficção presentes na memória:

> Mas onde termina a suposta verdade como experiência originária e começa a fantasia da recriação do vivido? Quais processos permitem se construir um relato mais mimetizado ao real e quais outros assumem a fábula como máscara? Ou a fantasia como escudo para sublimar o irrepresentável, o traumatizado e oculto? (LEONARDELLI, 2009, p.192)

Por meio dessas reflexões Patrícia irá defender, também como Diana Taylor, a autenticidade da memória como repertório, e ainda irá utilizar-se dessa condição de memória criativa/construtiva e a capacidade de recriação como sua base para a autenticidade, indo ao encontro com a importância do tempo "presente", defendido como de suma importância neste trabalho, seja ao falar sobre programas performativos, derivas,

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

estado cênico, experiências ou memórias. “A atividade mnemônica se dá na sua prolongação com o presente, dada na experiência atual”. (LEONARDELLI, 2009, p.195). A memória como armazenamento não é descartada por Patrícia, mas a concepção que ela traz expande esse conceito de recuperação do armazenamento para compreender a afetação do tempo presente nesse passado como uma recriação do vivido, ela diz que a memória:

> Em parte,(...) consiste em todos os conteúdos detalhadamente registrados, armazenados pelos sentidos e selecionados pelos afetos: a memória em sua acepção clássica, como persistência do vivido. Mas ela também é criação quando se coloca em atividade para responder às demandas do presente, oferecendo combinações de impressões como sínteses mais ou menos prováveis ou criativamente possíveis para a solução das questões.(LEONARDELLI, 2009, p.195)

Portanto, assumir a ficção como constituinte das memórias não é abandonar a autenticidade da memória como documento, mas compreendê-lo como documento criativo. “Reconhecer a natureza criadora da memória significa admitir que a afetividade e a intelecção se combinam no trabalho sobre o tempo; é assumir o ser como intuitivamente criativo na maneira de administrar seus conhecimentos”. (LEONARDELLI, 2009, p.195). Ainda segundo a professora:

> A memória não age como evocação do passado objetivado em unidades de impressão para realização da criação presente. Trata-se, antes, da atualização de virtuais múltiplos pelas forças específicas da criação, nesse caso, forças que buscam o histórico pela ficção. O surgimento da personagem, assim como de qualquer tipo de depoimento pessoal, é sempre uma síntese possível que responde ao turbilhão de informações, impressões, emoções em potência (...) estimuladas pelo presente: o estatuto específico de cada processo criativo. (LEONARDELLI, 2009, p.198)

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 56 – Eu no telefone público.

Figura 57 – Eu no telefone público, passa um ônibus.

Figura 58 – Eu no telefone público, passa uma moto.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 59 – Rua de ratones, Florianópolis;

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

24 de dezembro - Busquei minha avó pelas ruas de ratones, área rural da cidade de Florianópolis.

Acontecimentos:

Uma placa de pare.

- Parei.

Não ao abandono de animais.

- Vi de longe as crianças com quem fiz a atividade do dia 22. Conversamos a distância separados por uma grade e um terreno de 10 metros.

Figura 60 – 24 de dezembro:Telefone público e ponto de ônibus.

Orelhão.

Lembrei de quando eu e minha avó viajávamos e usávamos cartão telefônico para telefonar para os parentes avisando que chegamos na rodoviária. Tínhamos poucos minutos para falar, vivíamos um suspense, uma agitação, uma missão.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Tentei ligar para minha vó, foi difícil lembrar o número.
- Percebi que não tinha linha no orelhão. Tentei mesmo assim por algumas vezes.
- Ninguém me atendeu.
- Permaneci ali tentando e tentando outros números inventados por mim.

Figura 61 – 24 de dezembro: Eu no telefone público.

- Os carros passavam rápidos por aquela estrada.
- Quando um ônibus passou e parou ali, percebi que as pessoas que desceram me observavam, então trocamos olhares.
- Senti que elas queriam me avisar que o orelhão não funcionava.
- Eu tentei comunicar a elas com aquele olhar que ele estava funcionando para o que eu precisava.

Acho que foi tudo coisa da minha cabeça. Foi tudo tão rápido.

> A cena, portanto, não se dá “em”, mas “entre,” ela funda um entre-lugar. Ação cênica é co-labor-ação. Neste sentido, a famigerada “presença do ator,” longe de ser uma forma de aparição impactante e condensada, corresponde à capacidade do atuante de criar sistemas relacionais fluidos, corresponde a sua habilidade de gerar e habitar os entrelugares da presença. (FABIÃO, 2010, p. 323)

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Como se comunicar usando como ferramenta um telefone público sem linha?

- Continuando meu percurso encontrei um rio e fiquei o observando.

Figura 62 – 24 de dezembro: Rio.

- Uma senhora surgiu das árvores me perguntando:

-Você viu a capivara?

- Eu, um pouco assustado, respondi que não.

- A senhora foi embora.

Figura 63 – 24 de dezembro: Senhora que procurava uma capivara.

- Mandei um áudio pra minha avó perguntando se ela conhecia a Capivara.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Segui o percurso.

- Li no chão da estrada: Devagar.

- Andei devagar por 5 minutos.

Os carros passavam a toda velocidade, será que minha velocidade é perceptível para quem está no carro? Ando devagar olhando em linha reta: estranho. Se eu estivesse com o celular na mão seria estranho?

Não a PEC 32.

Figura 64 – 24 de dezembro: Fachada da escola.

- Sinto cheiro de animal morto: Seria a capivara?

Placa 40km por hora. O espaço me lembra o set de gravação de uma novela. Foi o reencontro de Domenico e Lurdes na novela “Amor de Mãe” (2019) de Manuela Dias. Essa novela começou antes da pandemia, ficou um ano paralisada e terminou com capítulos reduzidos e foi transmitida para o público durante a segunda grande onda de infectados. Essa foi uma das principais novelas que eu assistia aqui em casa e comentava pelo whatsapp com minha mãe e minha avó.

Figura 65 – 24 de dezembro: Ruazinha de Ratones

Figura 66 – Imagem promocional da telenovela “Amor de Mãe”

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 67 – 24 de dezembro: Eu na rua de Ratones em Florianópolis.

- Corri de volta para casa.

Na volta vi a senhora me apontando a Capivara saindo do lago. Mas não vi minha avó.

- Retornei para casa. Minha orientadora me enviou uma mensagem sobre a avó dela. Escutei de peito aberto.

- Sentei na grama e pensei um pouco sobre a busca de amanhã. Estou empolgado com o que desejo propor para amanhã.

- Recebi um whatsapp da minha avó dizendo:

-Não, não conheço a capivara.

Esta noite estou sentimental. Fiquei abalado com a busca de hoje, com o que pensei para amanhã e com a efemeridade da vida. Ligo para minha avó e ela não atende para desejar Feliz Natal. Como lidar com a ausência? Quais formas de lidar com a ausência? Morte, mudanças, distâncias geográficas, anos de pandemia. Performo o encontro.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

25 de dezembro - Não deu certo no dia de natal

Minha avó não me atendeu no whatsapp. A última informação que recebi é que ela não conhece capivaras.

Hoje tive uma ideia para realizar o programa de forma compartilhada. Sarah Correia, atriz, educadora e companheira de vida e arte que iria me acompanhar nesse trabalho (realizando registros) não pode me acompanhar nesses últimos dias. Conversei com ela sobre a perda recente da avó dela no meio dessa pandemia. Não foi por covid-19, mas foi dentro desse período absurdo e distanciado que vivemos.

Pensei em convidá-la para uma prática de busca especial pensada para ela. Mas conversando percebi que ela não estava a vontade e pronta para realizar essa busca, fica como desejo que essa pesquisa possibilite, mais adiante, tocar nessas feridas da ausência e em relação a efemeridade da vida.

Acontecimentos

Figura 68 – 25 de dezembro: Parreira.

.

- Sentei numa horta na chácara em que estou hospedado e pensei muito sobre a ausência e a presença.

- Busquei minha avó ali pela horta, a encontrei nas samambaias, mas também nas garrafas e vasos improvisados, feitos de garrafas pets, espalhados pela horta.

- Coloquei para tocar Maria Bethânia e fiquei ali deitado aproveitando a última hora de natal. 23hs.....

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

26 de dezembro - procurando minha vó por uma estrada.

Acontecimentos:

Figura 69 – 26 de dezembro: Estrada e meu pé.

Figura 70 – 26 de dezembro: Estrada.

- Não vejo ninguém.

A ausência me faz pensar nesses quase 2 anos de distância e nesses 26 dias de busca. Com a ausência é possível outras formas de encontrar.

- Sinto pingos de chuva.

Acho que nem um dia de busca choveu. Seja em Foz ou em Florianópolis.

- Resolvo ligar para minha avó.

- Encontrei uma pinha igual as pinhas que ela usava para decorar a casa para o natal.

- Encontrei mais pinhas.

- Comecei a decorar a faixa amarela do meio da estrada com pinhas.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Acabou a bateria do meu celular enquanto eu decorava a faixa amarela no meio da estrada com as pinhas que eu encontrava no acostamento.

Os carros passavam a 80km/h dos meus dois lados. Concentração, preparo, foco e risco. Apesar da bateria acabar consegui fazer um registro do início do processo, sem bateria, naquela estrada vazia de corpos e cheia de carros carregando corpos continuei minha ação cênica como um diálogo entre os corpos que me viam pelos vidros dos carros.

Figura 71 – 26 de dezembro: Colocando pinhas na estrada (1).

Figura 72 – 26 de dezembro: Carro passando ao lado das pinhas.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 73 – 26 de dezembro: Colocando pinhas na estrada (2).

27 de dezembro - procurando minha vó na BR-116 parada por conta de um acidente.

Estou viajando com minha mãe e minha irmã no carro, indo para Santos. A cidade na qual morei com minha mãe por anos, com minha avó por anos e onde nasci e nasceu minha irmã. Faz quase dois anos que não vou lá. Vamos visitar a minha avó. O reencontro vem. Um acidente acontece na estrada, paralisando o trânsito. Resolvi que está na hora de ir em mais uma busca pela minha avó, tento dentro do carro fazer uma preparação corporal improvisada, com menos espaço e menos tempo do que o tradicional até aqui.

Figura 74 – 27 de dezembro: Eu parado no trânsito.

Acontecimentos:

- Os motoristas me olharam curiosos como se eu fosse atrás do acidente e houve um diálogo quando eu retornava para o carro:

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

- Você viu o acidente?
- Acidente?
- É… O que aconteceu? Vai demorar pra fluir?
- Olha eu não sei, eu estava procurando minha avó. Não sei se vai demorar. Eu estou a quase dois anos sem ver minha avó e fazem 27 dias que procuro ela todos os dias.
- (Silêncio)

28 de dezembro - Procurando minha avó indo em direção a casa dela em Santos.

Acontecimentos:

- ❖ Sinto frio na barriga conforme vou andando por um caminho muito conhecido. Aqui é mais difícil me colocar a perder-se.

- ❖ O caminho que estou fazendo é coincidentemente o mesmo caminho da volta da igreja que fazíamos desde pequeno.

- ❖ Vejo vários Flamboyãzinhos.

- ❖ Vejo o cruzamento de acidentes na esquina da casa dela.

Figura 75 – 28 de dezembro: Cidade de Santos: Ônibus.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 76 – 28 de dezembro: Cidade de Santos: Flamboyanzinho

Figura 77 – 28 de dezembro: Cidade de Santos: Rua da casa da minha avó.

- Gritei “vó” como fazia quando criança. Apareceu uma senhora, parecida com a minha avó mas não era ela exatamente.

Ou era?

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 78 – 28 de dezembro: Eu em frente ao portão da casa da minha avó.

Figura 79 – 28 de dezembro: Vizinha da minha avó me observando.

Minha avó demorou para vir até o portão então continuei com repetidos “O vó” como no dia 13 de dezembro no programa realizado em frente a igreja. Somente ao olhar o material registrado percebi a Dina, a vizinha, observando com curiosidade o programa performativo, o acontecimento e o reencontro.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Eu fiquei confuso no primeiro momento em quem ela estava me recebendo no portão, então fiquei estático. Depois reconheci, era a irmã da minha avó, tia Zeneuda, que também tinha vindo visitá-la. Logo atrás surge minha avó, Maria Neusa, muito diferente na aparência após esse tempo de distância, mas seu caminhar até o portão ainda era igualzinho sempre foi, talvez com mais marcas, mais rastros e dores no corpo, mas ainda assim, igual. As duas irmãs ali, duplicadas, uma do lado da outra, nesse reencontro. *O Clone.*

Figura 80 – 28 de dezembro: Minha avó e a irmã dela.

Um abraço inexplicável. Um choro que lavou tudo. Uma ansiedade de dizer: Aconteceu, vó. Passamos por uma pandemia, continuamos nela, mas estamos aqui, um de frente pro outro. Vivos e vacinados. Não é uma vitória política. É uma derrota sem sombra de dúvidas, como comemorar que vencemos neste reencontro com tantas perdas na pandemia? Com tantos outros dramas do filho, neto, sobrinho perdido que não encontraram mais suas mães, pais, avós, avôs, tias, tios, amigas e amigos. É um encerramento triste que o horário nobre comercial da Globo rejeitaria na audiência, mas é dúbio, porque nada se encerra aqui e esse reencontro em especial tem uma carga alta de felicidade por ele mesmo. Essa trajetória é política e de resistência como representativa

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

do meu desejo de que todos os netos e netas nesta pandemia pudessem encontrar seus avós e avôs.

Figura 81 – 28 de dezembro: Abraço com minha avó.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

3 Considerações finais

Figura 82 – Pinhas de natal

Eu vi capítulos da novela atual com minha avó, nos atualizamos sobre meu nome artístico ser Lírio, conversamos sobre a pandemia, sobre as mudanças da cidade de Santos e fofocas sobre os nossos familiares. Enquanto ela assistia o capítulo da novela, eu assistia a novela e assistia ela e me assistia vendo ela naquele espaço . A sala permanecia igual ao que eu imaginava, a decoração artesanal com pinhas, as cores, o cheiro. Travamos um embate e iniciamos uma discussão quando o assunto foi eu não desejar ter um filho biológico, o que evidencia os espaços de amor e dor das relações, eu amar a minha avó e desejar encontrá-la com saúde não apaga ou diminui preconceitos e parâmetros religiosos que ela ainda utiliza para se justificar em suas opiniões. Fizemos as pazes mais tarde, vendo um capítulo da novela e comendo pizza de brócolis (o nosso sabor de pizza em comum).

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Figura 83 – Eu e minha avó assistindo novela.

-Vó, eu to te procurando faz 28 dias.

Em uma tarde eu resolvi ler o meu diário de bordo dos programas de busca para ela. Ela escutou cada palavra com muita atenção. Eu estava com receio se ela entenderia os caminhos que me levaram a realizar esse acontecimento, mas ela, naquele dia, parecia ter compreendido melhor do que eu. Enquanto eu lia os dias de busca, ela ria, ela concordava e relatava algo parecido e ao final se emocionou me dizendo:

- Ah, João Victor. Só você mesmo. Só você nessa família. Quem que um dia faria um trabalho da faculdade sobre mim? Você acha que existe? Não existe não. Só você mesmo.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

Início: Vá para a rua

Performe com teu corpo
A tua busca incessante
Até encontrar

…

Se encontrar, repita o procedimento
Se não encontrar, volte ao início.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

ALMOZARA, Paula; PARAGUAI, Luisa. **O percurso ou o caminhar como dispositivo poético, perceptivo e mnemônico.** ClimaCom [online], Campinas , ano. 4, n. 9, Ago. 2017 .Disponível em: < http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=7288>

BARROS, Amílcar Borges de. **Dramaturgia Corporal**. 1 ed. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2011.

BATAILLE, Georges. **A experiência interior**: Seguida de métodos de meditação e postscriptum 1953: Suma ateológica, vol. 1. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BITTENCOURT, Felipe. **Performance Diária.** nVersos. São Paulo: 1ª ed. 2012.

CARERI, F. Walkscapes, o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

DERDYK, Edith. **Por uma poética do ato criador.** São Paulo: Escuta, 2001. 108 p.

ENNES, Marília; ROMANINI Jr, Moacir. **Caminhada como prática do não-saber: uma reflexão sobre des-com-passos cotidianos.** 3ª. Edição do Simpósio repensando mitos contemporâneos - Memória, experiência e invenção do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGADC) Instituto de Artes da Unicamp , campinas, SP. 2019

FABIÃO, Eleonora. **Ações**. Tamanduá Arte. Rio de Janeiro. 2015.

FABIÃO, Eleonora. **Corpo Cênico, Estado Cênico.** Revista Contrapontos. Rio de Janeiro, n. 3, Vol. 10, p. 321-326, set-dez, 2010.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro:** poéticas e políticas da cena contemporânea. Sala Preta. São Paulo: Volume 8, p. 235-256, 28 de nov. de 2008.

FABIÃO, Eleonora. **Programa Performativo:** O Corpo-em-Experiência. Revista do Lume. Campinas: N. 4, 4 de dez. de 2013.

FERRACINI, Renato. **Ensaios de atuação.** São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2013.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos Errantes; prefácio de Stella Bresciani. 2. ed. - Salvador: EDUFBA, 2014. 339 p.

LAZZARETI, Angelene. **E N T R E: A trama dos corpos e do acontecimento teatral.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

LEONARDELLI, Patrícia. **A memória como recriação do vivido aplicada às artes performativas**. *Sala Preta*, *9*, 191-201, 2009.

ONO, Yoko. **Grapefruit**: O Livro de Instruções + desenhos de Yoko Ono. 2008.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e repertório - performance e memória cultural nas américas.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

Versão Final Homologada
31/05/2022 09:49